

REVISTA MENSAL

Ave

ANO 108

R\$ 3,00

MARÇO 2007

M
EDITORA
AVE-MARIA

MARIA



**Fiel,
mesmo na dor!**



Viaja dentro de ti

**Pudesse a árvore vagar
e mover-se com pés e asas,
não sofreria os golpes do machado
nem a dor de ser cortada.**

**Não errasse o sol por toda a noite,
como poderia ser o mundo iluminado
a cada nova manhã?**

**E se a água do mar não subisse ao céu,
como cresceriam as plantas
regadas pela chuva e pelos rios?**

**A gota que deixou seu lar, o oceano,
e a ele depois retornou,
encontrou a ostra à sua espera
e nela se fez pérola.**

**Não deixou José seu pai
em lágrimas, pesar e desespero,
ao partir em viagem para alcançar
o reinado e a fortuna?**

(...)

**Faltam-te pés para viajar?
Viaja dentro de ti mesmo,
e reflete, como a mina de rubis,
os raios de sol para fora de ti.**

**A viagem te conduzirá a teu ser,
transmutará teu pó em ouro puro.**

**Ainda que a água salgada
faça nascer mil espécies de frutos,
abandona todo amargor e acridez
e guia-te apenas pela doçura.**

(...)

Fragmentos de poema do sufi Jalal ud-Din Rumi. Nascido na província de Balkh, Pérsia (atual Irã), no início do século XIII, ao lado de São João da Cruz, Santa Teresa de Ávila, Hildegard von Bingen, Kabir, Toukaram, Ryokan, entre outros. Rumi pertence à linhagem dos grandes poetas místicos da humanidade. "Poemas Místicos". Attar, São Paulo, 1996.



Revista Ave Maria

É uma publicação mensal da Editora Ave-Maria (CNPJ 60.543. 279/0002-62), fundada em 28 de maio de 1898, registrada no SNPI sob nº 22.689, no SEPJR sob nº 50, no RTD sob nº 67 e na DCDP do DFP, sob nº 199, P. 209/73 BL ISSN 0005 - 1934, pertencente à Congregação dos Missionários Claretianos.

Diretor Editorial: Luís Erlin

Administração: Hely Vaz Diniz

Divulgação: Djailton Carvalho

Redação: Adelino Dias Coelho, MTb 14178;

Avelino S. de Godoy, MTb 12360. **Diagramação:**

Antonia Portero Simon; Avelino S. de Godoy.

Assinaturas: Geraldo José Canezin.

Impressão: Gráfica Ave-Maria. Estrada Comendador

Orlando Grande, 86, Bairro do Gramado, Embu, SP.

CEP 06835-300. www.avemaria.com.br

Correspondência

Rua Martim Francisco, 636, 1º andar,
CEP 01226-000. Tels: (11) 3666-2128 e
3823-1060.

redacao@avemariainternet.com.br
revista@avemaria.com.br

Divulgação

Djailton Carvalho: (11) 3823-1060 ramal 1045
Fax (11) 3663-3491
sacrevista@avemaria.com.br

Assinaturas:

Ligue grátis: 0800-555-021

(De segunda a sexta, das 7h30 às 17h15)

assinaturas@avemaria.com.br

Valor da assinatura: R\$ 30,00 por ano
(12 exemplares)

SUA ASSINATURA será renovada
somente por BOLETO BANCÁRIO,
enviado pela revista Ave Maria.

SERVIÇO BÍBLICO NA INTERNET

Comentários diários sobre as leituras das missas:

www.claretianos.com.br

AVE MARIA NA INTERNET:

www.avemaria.com.br/revista



Capa de março:

Detalhe da pintura
"Crucificação", 1440,
de Rogier Van Der
Weyden.

Fiel,
mesmo na dor!

Vida nova em Cristo

**"Como Cristo ressurgiu dos mortos pela glória do Pai,
assim nós também vivamos uma vida nova"**

(Romanos 6, 4).

Estamos em plena Quaresma, tempo urgente de conversão. Durante quarenta dias, somos chamados a rever nossa história pessoal e nos perguntar: "Tem valido a pena viver como vivemos?"

A capa da revista deste mês nos apresenta a Virgem Maria, Mãe lacrimosa que abraça a cruz de seu filho. O *Evangelho de João*, ao descrever o episódio da Paixão de Cristo, diz que junto à cruz estava de pé Maria, a mãe do Verbo. Um detalhe que pode passar despercebido, o evangelista enfatiza que ela estava de pé. Mais que uma atitude física, estar de pé significa integridade total, reservada somente aos que, apesar de toda a dor, não perdem o fundamento: a confiança inabalável em Deus Pai.

Também temos nossas dores, nossas cruces, situações de extremo sofrimento, como de nossos irmãos da Amazônia, cuja situação está descrita nos artigos de José Iborra Plans e João Batista Libânio. Se o desespero, a falta de esperança, a desilusão forem maiores que nossa fé, então corremos o risco de ficar prostrados diante da vida. Porém, se aprendermos de Maria o real sentido de nos confiar a Deus, por mais doloroso que seja nosso caminho da cruz, então estaremos de pé, prontos para recomeçar uma vida nova.

A cruz é uma passagem, nunca o fim.

Seja Deus a nossa força!

Pe. Luís Erlin, cmf

108 anos atrás

A "Ave Maria"



Em Maio próximo vindouro completará um anno que encetou sua publicação o nosso modesto periodico, que, graças ao auxilio divino, as benções da SS. Virgem e generosidade nunca desmentida da Exma. Sra. D. Maria Candida Junker Alvares, tem trabalhado quanto possivel, na medida de suas forças, em prol da gloria de Deus e de sua Mãe Virginal, bem como dos interesses catholicos...

...A Ave Maria está a terminar o seu noviciado, tendo sido, Deus louvado, bem acolhida pela imprensa catholica do paiz, do mesmo modo que pelos fiéis, quer desta, quer de outras dioceses. Fazendo esta redacção firme proposito de manter o seu programma e de seguir sempre as direcções do Summo Pontifice Romano, Chefe Supremo da Igreja e Mestre infallivel da verdade, assim como do Prelado collocado pelo Espirito-Sancto para reger esta diocese, é de crêr que todos quantos se interessam pela sorte da imprensa catholica, queiram auxiliar efficazmente esta humilde folha a, depois do noviciado, emittir seus votos definitivos.

Trecho da primeira página (capa) da revista Ave Maria em 11 de março de 1899 — ANOI - Número 20 e foto da capa na época.

Principais temas abordados nesta edição:



CAMPANHA DA FRATERNIDADE DE 2007 Amazônia: confronto cultural e devastação ambiental

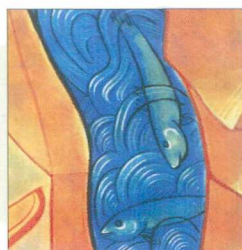
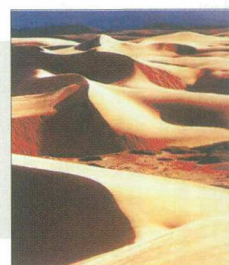
Pe. José Iborra Plans

página 8

Caminhar é preciso

Pe. Luís Erlin

página 13



A mulher e o poço: em busca da água viva

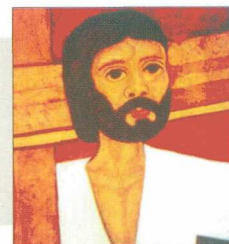
Regina Maria de Almeida

página 16

Diretório Nacional de Catequese

Irmão Nery

página 18



Ave Maria, cheia de graça...

Nilton César Boni

página 20

Demais assuntos:

ESPAÇO DO LEITOR p. 6 • PALAVRA DO PAPA - A pessoa humana, coração da paz p. 7 • Fraternidade e Amazônia — *J. B. Libânio* p. 10 • ATUALIDADES - Funcionamento musical — *Fábio Davidson* p. 11 • A amizade de Deus p. 12 • Santos do mês de março p. 15 • A PALAVRA É... — *Maciel M. Claro* p. 19 • MARIA NA DEVOÇÃO POPULAR - Senhora da Guarda — *Roque Vicente Beraldi* p. 21 • O exercício de dialogar em família *Aparecida Eunides e João Bosco Lugnani* p. 22 • A música e o silêncio sagrado — *Ir. Míria T. Kolling* p. 23 • O papa em Aparecida - CELAM — *Ronaldo Mazula* p. 24 • LITURGIA DA PALAVRA p. 25 • MEU LAR - Crer ou não crer em Deus (2) p. 30 • Vamos Cozinhar?! — *Dinorah* p. 31 • PÁGINA INFANTIL — *Tina Glória* p. 32.

IGREJA DE ISOPOR



Fotos: Oswair Chiozini



Pe. Jocelir Léo Vizioli, cmf, que teve a iniciativa da inusitada construção.

Interior da igreja com o painel ao fundo no dia de sua inauguração por d. Fernando Mason.

Abaixo, a igreja durante a construção, na fase de acabamento.

No dia 31 de julho de 2006, dom Fernando Mason, bispo de Piracicaba, inaugurava mais uma capela dedicada a São Pedro e São Paulo, pertencente à Paróquia do Espírito Santo, no bairro do Jardim Guanabara, na cidade de Rio Claro, SP, sob a responsabilidade do pe. Jocelir Léo Vizioli, da Congregação dos Filhos do Imaculado Coração de Maria, Missionários Claretianos.

A grande novidade daquele templo é que foi construído com tijolos de isopor! Quando se fala em construção de isopor, logo se tem a idéia errada de que é perigosa, não tem segurança, pega fogo, resiste pouco... Mas, pelo contrário, é segura, resistente e ainda tem outras vantagens. Conforme o pe. Jocelir, o custo da obra foi 20% menor que a de uma construção convencional. O tempo levado foi recorde também: oito meses, com o trabalho de oito operários apenas, sob a orientação de engenheiros especializados nesse nova técnica.

À distância e sem informações prévias, dificilmente se poderá constatar o desafio da tecnologia da engenharia civil nesse tipo de construção. A capela possui catorze janelões que visualizam as estações da Via-Sacra. Um



grande painel da Ascensão do Senhor vale como papel de parede ao fundo do altar, afora outras decorações internas.

Com esse tipo de material o edifício mantém uma temperatura térmica ideal, tanto no inverno como no verão. Uma acústica mais apurada, impermeabilidade eficaz, tudo, somados os jardins-de-inverno, cria harmonia, beleza e, mais importante, um ambiente de paz e repouso espiritual, muito propício à oração num lugar, nunca antes pensado.

Informações: Paróquia Divino Espírito Santo é: Rua 6, 292 - Jardim Guanabara, Rio Claro, SP, tel.: (19) 9758-9105.



Pe. Luís Erlin, a paz de Cristo!

Eu andava muito deprimida, sem vontade de viver. De repente, num exame médico de rotina, descobri que estava com câncer de mama. Não me apavorei, embora pensasse que ia morrer.

Com a graça de Deus, reagi, prevendo, porém, que não iria ser fácil. Naquela época, eu morava no Rio de Janeiro e meu filhos em Vila Velha, Espírito Santo. No final de junho de 2001, fui operada. Tudo correu bem. Como o nódulo foi descoberto logo, não foi preciso retirar a mama toda. Fiquei mais um mês no Rio na casa da minha afilhada, Eliane Barbosa de Oliveira, que cuidou de mim com muito carinho.

Ela me confidenciou que, antes de me fazer os curativos, pedia ao Sagrado Coração de Jesus que guiasse as mãos dela para fazer direito o curativo. Isto nos emocionou muito, pois acreditamos que Jesus estava presente naqueles momentos.

Tomei remédio durante cinco anos e fiz 35 sessões de radioterapia. Estou bem. graças a Deus, tive alta do Hospital do Câncer no Rio de Janeiro, em agosto de 2006.

Hoje, moro em Vila Velha. Sou assinante da revista Ave Maria desde maio de 1991. O que me animou a escrever este testemunho foi o relato de Maria Gonçalves, de Apucarana, Paraná, na revista Ave Maria na edição do mês de novembro de 2006. Na época eu tinha 63 anos.

Um abraço. Fiquem com Deus.

Alda Rosa Davel dos Santos, Vila Velha, ES

Revista Ave Maria: Obrigado por seu testemunho de fé. Ficamos contentes que o relato de Maria Gonçalves — que deu ensejo ao artigo: “Deus nos mostra seu coração”, escrito pelo pe. Luís Erlin — tenha animado você a nos escrever também.

Prezado Padre Luís Erlin e todos da redação da revista Ave Maria,

Que a paz do Senhor esteja com todos vocês.

Tem esta por finalidade agradecer-lhes pela bela surpresa que me foi propiciada. Fiquei muito emocionada e feliz, quase chorei de alegria, quando, ao receber a revista Ave Maria do mês de setembro de 2006, vi minha mensagem “Solidariedade Cristã” ter sido publicada neste mesmo “Espaço do Leitor” nesta famosa e importante revista.

Ela transmite mensalmente mensagens de esperança, fé e amor em Deus aos seus milhares de assinantes, a fim de que todos nós possamos ser felizes, amando-nos uns aos outros, como Jesus Cristo ama particularmente a cada um de nós.

Assim sendo, apresento-lhes, através desta, o meu muito obrigado pelo carinho que me foi dispensado. Aproveito este ensejo para enviar-lhes um grande abraço.

Atenciosamente,

Lúcia Norma Genovese Falcucci, Ribeirão Preto, SP — (por e-mail)

Revista Ave Maria: Participamos de sua alegria pela publicação de sua mensagem. Obrigado por sua referência aos artigos da revista. Que tal, mostrá-la a seus amigos para que também possam fazer parte de nossos assinantes?!

Prezados amigos!

Meu nome é Argentina Grossi Tonini, e venho, através desta, comunicar a vocês meu novo endereço, para a entrega da minha revista Ave Maria mensal. Sou assinante há mais de 50 anos. Agradeço a atenção de vocês, pois gosto muito da revista Ave Maria. Já estou com 91 anos e pedi que minha neta enviasse esse e-mail meu para vocês. Muito obrigada.

Atenciosamente,

Argentina Grossi Tonini, Pouso Alegre, MG — (por e-mail)

Revista Ave Maria: Cartas ou e-mails como o seu animam-nos a continuar trabalhando ainda mais para que a nossa revista seja o instrumento da Mãe de Jesus nos lares brasileiros. Parabéns por sua fidelidade, nossa alegria por vê-la nessa idade, tão disposta e gentil e, por que não? nosso agradecimento à sua netinha, nossa potencial colaboradora.

Que a Paz de Cristo e o Amor de Nossa Senhora, estejam com vocês !!!

É com muita alegria que comunico a vocês que acabo de fazer o pagamento pela assinatura dessa incrível revista.

Desde já agradeço... tenho certeza que vou adorar receber a AVE MARIA ao longo desse ano de 2007!!!

Não vejo a hora que isso comece.... Aquele número que vocês enviaram como cortesia serviu para perceber o quanto essa publicação é enriquecedora da Fé, da Cultura e da Cidadania. Continuem assim!!!

Agradecido,

Sílvio Menezes da Silva, Pinhais, PR — (por e-mail)

Revista Ave Maria: Obrigado. Divulgue nossa revista entre seus amigos e parentes. Bem-vindo à nossa família de leitores.

Parabéns pelo artigo: “Tu és pó e ao pó voltarás” (edição de fevereiro, pág. 10, do pe. Luís Erlin).

Foi uma ótima reflexão para nós, após o período de férias, para recomeçarmos o ano e nossas atividades. Com sua permissão, iremos usar seu texto para reiniciar nossos encontros litúrgicos na paróquia Nossa Senhora da Luz.

Mara e Tadini, Pinhais, PR

EM FESTA

Vasco Pereira Chaves e Maria do Carmo Spizzirri Chaves comemoraram Bodas de Ouro, em Brasópolis, MG, no dia 4 de fevereiro de 2006.



NA PAZ DO SENHOR

Em Lajeado, RS, **Reymundo Heinek** aos 23 de novembro de 2005, com 95 anos de idade. Foi assinante desta revista por muitos anos.

A pessoa humana, coração da paz

“A Sagrada Escritura afirma: “Deus criou o homem à sua imagem, criou-o à imagem de Deus; Ele os criou homem e mulher” (Gênesis 1, 27). *Por ter sido criado à imagem de Deus, o indivíduo humano possui a dignidade de pessoa; não é só alguma coisa, mas alguém, capaz de se conhecer, de se possuir e de livremente se dar e de entrar em comunhão com outras pessoas. Ao mesmo tempo, ele é chamado, pela graça, a uma aliança com o seu Criador, a dar-lhe uma resposta de fé e amor que mais ninguém pode dar em seu lugar. Nesta admirável perspectiva, compreende-se a missão confiada ao ser humano de amadurecer pessoalmente na capacidade de amar e de fazer progredir o mundo, renovando-o na justiça e na paz. Numa síntese eficaz, Santo Agostinho ensina: “Deus, que nos criou sem nós, não quis salvar-nos sem nós”. É, pois, um dever de todos os seres humanos cultivar a consciência do duplo aspecto de dom e de missão.*

Do mesmo modo, a paz é simultaneamente um dom e uma missão. Se é verdade que a paz entre os indivíduos e os povos — a capacidade de viverem uns ao lado dos outros tecendo relações de justiça e de solidariedade — representa um compromisso que não conhece pausa, é também verdade, que a paz é dom de Deus. A paz é, com efeito, uma característica da ação divina, que se manifesta tanto na criação de um

universo ordenado e harmonioso como também na redenção da história humana necessitada de ser recuperada da desordem do pecado. Criação e redenção oferecem, portanto, a chave de leitura que introduz na compreensão do sentido da nossa existência sobre a terra. O meu venerado predecessor João Paulo II, dirigindo-se à Assembléia Geral das Nações Unidas



no dia 5 de outubro de 1995, teve a ocasião de dizer que nós “não vivemos num mundo irracional ou sem sentido, mas [...] existe uma lógica moral que ilumina a existência humana e torna possível o diálogo entre os homens e os povos”. A “gramática” transcendente, ou seja, o conjunto de regras da ação individual e do recíproco relacionamento entre as pessoas de acordo com

a justiça e a solidariedade, está inscrita nas consciências, nas quais se reflete o sábio projeto de Deus. Como recentemente quis reafirmar, “nós cremos que na origem está o Verbo eterno, a Razão e não a Irracionalidade”. A paz é, portanto, também uma tarefa que compromete cada indivíduo a uma resposta pessoal coerente com o plano divino. O critério que deve inspirar esta resposta não pode ser senão o respeito pela “gramática” escrita no coração do homem pelo seu divino Criador.

Nesta perspectiva, as normas do direito natural não hão de ser consideradas como diretrizes que se impõem a partir de fora, como se coarctassem a liberdade do homem. Pelo contrário, devem ser acolhidas como uma chamada a realizar fielmente o projeto universal divino, inscrito na natureza do ser humano. Guiados por tais normas, os povos — no âmbito das respectivas culturas — podem aproximar-se assim do maior mistério, que é o mistério de Deus.

Por isso, o reconhecimento e o respeito pela lei natural constituem também hoje a grande base para o diálogo entre os crentes das diversas religiões e entre estes e os não-crentes. É este um grande ponto de encontro e, portanto, um pressuposto fundamental para uma autêntica paz.”

Bento XVI

Trecho da mensagem de Bento XVI para a celebração do dia Mundial da Paz em 1º de janeiro de 2007



Amazônia: confronto cultural e devastação ambiental

Pe. José Iborra Plans

Foto: José Iborra

Pe. José Iborra Plans, missionário claretiano em Rondônia, dá um testemunho corajoso de quem está no meio de uma realidade que muitos de nós talvez nem suspeitam que exista. Por esse depoimento, compreendemos como nossos bispos agiram certo ao tomar o tema da Amazônia como reflexão durante esta Quaresma.

Como o Brasil está tratando a Amazônia?

A Campanha da Fraternidade (CF) de 2007 sobre a Amazônia não tem somente a ver com quem mora naquela imensa região. A CF também tem a ver com a forma como o Brasil está tratando a região amazônica. A CF propõe a todos os brasileiros conhecer melhor a realidade da Amazônia e refletir, à luz do Evangelho, sobre o que está acontecendo naquele pedaço de nosso Brasil.

População tradicional e frente colonizadora

Na Amazônia, existem dois tipos de população: a tradicional da região, formada por indígenas, ribeirinhos, quilombolas e seringueiros; e a chegada na última frente colonizadora, a partir

dos anos 70, 80 e 90, e que continuam a chegar até hoje. A colonização continua avançando no chamado “arco do desmatamento”, que se estende desde o Acre, passa por Rondônia, penetra no Amazonas, norte de Mato Grosso e pelo Pará, recebendo o impulso da indústria da grilagem de terras e da exploração da madeira. Esse “arco” se abate sobre os antigos moradores da região, pressionando-os e acuando-os para o fundo de seus rios e reservas, no melhor dos casos.

Lugar de oportunidades

Os pequenos colonos chegaram de todos os cantos do Brasil: paranaenses, gaúchos, catarinenses, mineiros, capixabas... Premidos pela necessidade, emigraram de seus lugares de origem, deixando para trás parentes e amigos, à

procura dum lugar para viver. Com grande sacrifício e luta nos primeiros anos, enfrentaram a malária, as estradas ruins, a falta de atendimento à saúde e à educação, para abrir e desbravar a floresta. Para muitos, a luta compensava pela realização do sonho da terra própria, até com a estabilidade de pequena propriedade estruturada, com fatura de alimentos e produção razoável de excedentes de leite, café, feijão, cacau, guaraná, urucum, pimenta-do-reino, inhame... Novas cidades surgiram oferecendo oportunidades para o comércio, os profissionais; e para o surgimento de escolas, igrejas e todo tipo de serviços para os moradores do lugar.

Emigração que não acaba

Nos primeiros anos, depois da

derrubada da mata, a produtividade de arroz, milho e feijão chega a ser extraordinária. As culturas aproveitam da fertilidade das cinzas e dos restos orgânicos da floresta. A vegetação cresce com força na chegada da época de chuvas. Porém, logo a produtividade decai, pois a camada de terra fértil é muito fina. O agricultor é obrigado a fazer todo ano nova derrubada para plantar roça e aumentar o pasto. Muitos pequenos agricultores não agüentam as dificuldades, e logo vendem a terra e emigram para as cidades, ou procuram novo sítio de floresta para desbravar e vender a terceiros. Para muitos, é uma emigração que não acaba nunca. Sai dum lugar, vai para outro, deixando tudo para trás. Mais que agricultores, parecem desbravadores da mata. O objetivo de muitos não é viver da agricultura, é “formar o lote”, para depois revender mais caro e comprar outro lugar para “beneficiar”, o que quer dizer, derrubar e formar pasto.

Grilagem e especulação da terra

“Colonização” tem significado também grandes fazendas, criadas grilando terras da União. É sinônimo de caos, violência, impunidade e conflitos, onde somente os poderosos e os mais violentos têm vez e lugar. Cada nova estrada que é aberta, logo resulta em 50 ou 100 km de desmatamento ao redor. Com a passividade dos organismos públicos, ela vem precedida ou acompanhada pela entrada dos grileiros e especuladores de terra, que se apossam do território e desmatam indiscriminadamente as terras da União, para reivindicar posteriormente direitos de posse. Para os pequenos, sobram apenas algumas migalhas.

Extração clandestina de madeira

A ponta-de-lança e o motor econômico da grilagem de terras é a exploração clandestina de madeiras. Logo que o grileiro se apossa dum sítio, a

primeira coisa que procura é a extração das madeiras de mais valor da floresta. Mesmo que sejam vendidas a “preço de banana”, o roubo de bens públicos da União resulta num lucrativo negócio, gerando grandes esquemas de corrupção, com a cumplicidade das autoridades e dos responsáveis da fiscalização. Com o dinheiro da venda clandestina de madeira, os grileiros depois derrubam grandes extensões de terra para plantar capim.

Povos tradicionais olhados com desprezo

Animados quando os preços da terra são altos, nos anos em que a soja e o agronegócio oferecem grandes benefícios, os grileiros ficam sempre procurando novas terras para ocupar, derrubar e depredar, enquanto os povos tradicionais são olhados como inferiores pelos recém-chegados, e tratados com desprezo. O amor com que eles preservaram os castanhais e seringais é visto como preguiça pelos que só pensam em derrubar. Se indígenas, seringueiros e ribeirinhos têm o mérito de saber viver da floresta sem acabar com ela, os outros precisam destruir a floresta para desenvolver suas atividades econômicas e estender um “desenvolvimento” com data de vencimento marcada.


Devastação do meio ambiente

O meio ambiente sofre com as derrubadas indiscriminadas: a chuva diminui e atrasa, aumenta o aquecimento global e a mudança climática do Planeta. Depois que o meio ambiente é devastado, as melhores riquezas da floresta desaparecem, e não fica quase nenhum benefício no lugar onde foram extraídas. Quando acaba a madeira, as serrarias mudam com tudo e as cidades entram em crise. Os palmiteiros e madeireiros agem sem escrúpulos e se transformam em indústrias nômades que, como na pesca de lagostas, depredam por onde passam e depois somem do lugar sem deixar nada para, mais à

frente, começar de novo a tirar da floresta suas riquezas.

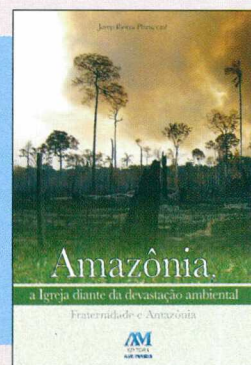
Vítimas da destruição da floresta

Grileiros e especuladores com frequência não duvidam em ameaçar ou matar os moradores tradicionais do lugar, se resistirem às suas pretensões. Povos indígenas, escondidos na mata, continuam hoje em dia a ser massacrados impunemente. Comunidades de seringueiros e de quilombolas vêm desrespeitados seus direitos históricos. Os territórios indígenas e as áreas extrativistas, quando demarcados, continuam a ser invadidos, sua madeira e riquezas naturais espoliadas, seus rios desviados, assoreados e contaminados, e as florestas isoladas pelo desmatamento circundante. Assim, condenam à extinção peixes e animais da mata, acabando com os meios tradicionais de subsistência.

Isto é o que o Brasil está realizando na Amazônia. Os donos das grandes fazendas muitas vezes nem moram na área. A região amazônica converteu-se em terra de promessa para muitos brasileiros, mas qual é o preço que estão pagando os Povos das Florestas, os moradores tradicionais da Amazônia? 

Pe. José Iborra Plans é missionário claretiano em Rondônia.

**LIVRO DO AUTOR
LANÇADO EM
FEVEREIRO**



**Editora Ave Maria
0800 7730 456**

Fraternidade e Amazônia

J. B. Libânio

O imaginário popular liga Amazônia com floresta, índio, animais selvagens, serpentes, água em abundância. É o mistério verde ou inferno verde, conforme leitura otimista ou pessimista. Mas sempre o verde, o inabitado. A intenção da Campanha da Fraternidade (CF) não se resume a mero objetivo ecológico no sentido da preservação florestal. Vai mais longe. Há muita vida humana que gira em torno da Amazônia. Existe uma Amazônia urbana. 70% da população ocupam as grandes e médias cidades. Só 30% se dispersam pela gigantesca extensão territorial.

As duas capitais principais – Belém e Manaus – cresceram e crescem de costas para o rio. Os igarapés que tecem malha de água nessas cidades são desrespeitados. A cidade os invade. O crescimento sufoca-lhes as veias líquidas. Assiste-se à verdadeira verticalização da cidade. A geografia humana conhece a cidade de Veneza que transformou em turismo e arte o que em Belém, sem saneamento básico, se polui cada vez mais. As favelas entram pelos igarapés adentro, destruindo-lhes beleza e vida.

O capitalismo selvagem, que já arrefeceu sua fúria no Velho Continente, transferiu-a para nossos rincões. Sofremos-lhe a violência destruidora, aplaudindo-o sob o nome de crescimento. Os jornais, os discursos políticos têm a obsessão de quanto o Brasil deve crescer. Os regimes militares se gloriam de ter promovido a taxa de 10% ao ano de aumento do PIB. Anunciam 5% para o próximo, como desafio e profecia auspiciosa. Mas não se pergunta à custa de quê?

A CF da Amazônia toca um dos pontos vulneráveis do modelo de desenvolvimento comandado a toque de caixa pela pressão empresarial, sobretudo

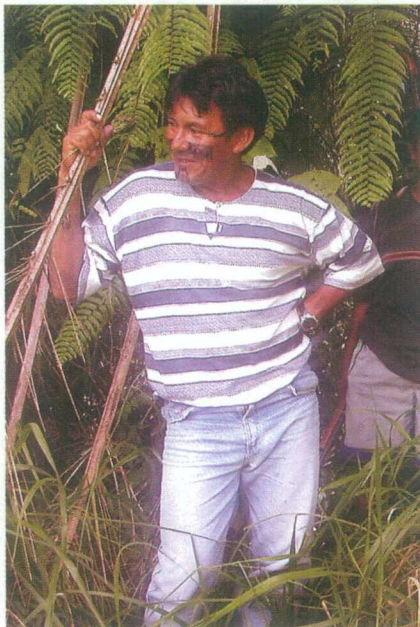


Foto: José Iborra

daqueles a quem não interessam em nada as ruínas deixadas atrás de si.

As cidades não são vazias. O crescimento desordenado da Amazônia implanta o mesmo esquema do resto do país. Ao lado de pequena faixa de privilegiados que se dão ao luxo de viver em mansões e em condições requintadas de vida, padecem de miséria imensas massas. O Norte cai menos na malha da grande imprensa. Daí, os crimes lá perpetrados, quer na brutalidade de casos, quer na contínua implantação de modelo de dominação são silenciados e escapam da consciência da maioria do povo brasileiro.

Os holofotes da atenção convergem na CF para lá a fim de fazer ver melhor como se vive naquelas regiões. As cidades repetem a favelização generalizada. E o campo de tamanho continental?

Os tentáculos do agronegócio avançam. O primeiro efeito, catastrófico para o Brasil e para a sustentabilidade do Planeta, se manifesta na devastação ambiental, em grilagens de terra, no trabalho escravo, na luta selvagem pela posse da terra, em assassinatos de

camponeses e de líderes que os defendem. E o mundo indígena? Apenas temos idéia do impacto da invasão das madeiras, das mineradoras, da criação de gado e do agronegócio sem lei nem grei a roer a vida das matas, a destruir o *habitat* e a cultura indígenas.

O Brasil tem um Ministério do Meio Ambiente e da Amazônia Legal com órgãos e políticas de proteção ambiental. Até onde ele tem recebido o apoio do Governo e, sobretudo, da opinião pública? A Ministra, na solidão da defesa da Amazônia, sofre tais pressões e injunções que lhe custa levar à frente política coerente e consistente de defesa desse patrimônio da humanidade.

A CF torna-se ocasião propícia para desencadear nacionalmente movimento de apoio às políticas ambientais e alternativas ao mero desenvolvimento físico e econômico sem respeito a outros valores de cuidado da natureza e dos seres humanos nela envolvidos.

No horizonte do progresso econômico, lêem-se as palavras: pólos de integração de produção, projetos de pecuária, mineração, siderurgia, exploração da madeira, novas vias de transporte e comunicação por terra e por água, barragens, ferrovias, estradas de asfalto, projetos da Petrobrás, etc. etc. E o custo social e natural de toda essa parafernália desenvolvimentista?

As lições da destruição do Continente africano pela ganância européia alertam-nos para outras ambições de ganho não menos desmedidas que nos ameaçam. Os desertos saarianos acenam-nos com as imensidões de areia que um dia poderão substituir a verde selva amazônica. “Amanhã será tarde demais”!



J. B. Libânio é professor e diretor emérito da Faculdade de Teologia do Centro de Estudos Superiores dos Jesuítas (CES), Belo Horizonte, MG.

Funcionamento musical



www.festivaldeverno.sp.gov.br/imprensa

Fábio Davidson

Recentemente tive a oportunidade de assistir a uma apresentação da Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo (OSESP), regida por John Neschling, que também é seu diretor artístico. A trajetória de Neschling à frente da OSESP, caracterizada pelas mudanças radicais que impôs, trouxeram um resultado fenomenal, não só nos integrantes, mas também no espaço conquistado para ensaios e apresentações, a magnífica Sala São Paulo.

Ainda extasiado pelo concerto, tive a idéia de escrever algo sobre a vida cristã e acabei por imaginar uma analogia entre a comparação que o apóstolo Paulo faz entre o Corpo de Cristo e o nosso próprio corpo, entre a Igreja e nossos membros, na carta que escreveu para a igreja em Roma (capítulo 12 da Carta aos Romanos).

Penso que, se Paulo pudesse assistir à OSESP na Sala São Paulo um dia, também poderia comparar o corpo com uma orquestra. Em primeiro lugar, não há orquestra sem regente. E este regente precisa ser um *expert*, saber tudo sobre cada um dos instrumentos, sobre as obras e sobre os compositores, além de ampliar seus conhecimentos sobre acústica e, atualmente, até mesmo *marketing* e relacionamento com a imprensa e o público.

Por outro lado, uma orquestra também não funciona sem músicos. E com seus mais diferentes instrumentos. Cada músico, nas boas orquestras, especializa-se um tipo de instrumento. Conhece-o, domina-o e o executa perfeitamente. Dedicar seu tempo para o estudo e aprimoramento. E, quase sempre, acaba por tornar-se professor, ensinando a outros a arte de tocar bem.

Outro aspecto importante é a linguagem musical, que deve ser dominada por todos, regente e músicos, e vem expressa através de uma notação: a partitura. Para executar uma obra musical, todos devem estar familiarizados com a partitura. É interessante notar que o músico não olha somente para a partitura. É um olhar constante entre a partitura e o regente. O regente crê que o músico conhece a partitura e cobra dele uma execução perfeita, indicando

as nuances que acredita serem importantes. E também vai perceber os erros e eventuais notas desafinadas.

Por fim, há uma platéia, a audiência, que vai perceber se a orquestra está afinada, se forma “um só corpo”, se obedece à regência, se há uniformidade na diversidade de instrumentos e pessoas. E vai ser impactada, de forma positiva ou negativa, pelo resultado apresentado.

Nós, cristãos, temos um Regente, Deus. D’ele, recebemos uma Partitura: a *Bíblia Sagrada*, a qual devemos conhecer profundamente e estar atentos para executá-la com perfeição. Ao mesmo tempo, devemos ter nossos olhares fixos no Regente, atentos às nuances que ele quer dar em nossas vidas, mantendo uma vida de interação, através da oração, da meditação, da introspecção. Devemos também conhecer e aprimorar nossos Instrumentos, os Dons Espirituais graciosamente concedidos pelo Regente a cada um de nós.

Acredito que devemos funcionar como uma orquestra uma, onde alguns não devem querer aparecer mais do que os outros. Afinal, cada instrumento tem sua finalidade, seu timbre, seu momento. Isso também ocorre conosco. E não devemos nos esquecer da “platéia”, que está atenta às nossas notas “desafinadas”, muito semelhante ao que Paulo chama de “nuvem de testemunhas”.

Não é fácil uma orquestra funcionar adequadamente. Já participei de uma e sei o quanto é difícil. Horas de ensaio e dedicação, esforço e tempo dispensados, além de paciência e compreensão entre os músicos, para se obter unidade em meio à diversidade. Muitas vezes, o regente nos cobra aquilo que está explícito na partitura. Mas também é preciso conhecer profundamente o regente, para saber e sentir qual sua vontade.

Como tem sido nossa vida cristã? Nosso dia-a-dia? Nossos relacionamentos? Um barulho ensurdecedor ou uma suave sinfonia?



Fábio Davidson, cristão protestante da Primeira Igreja Evangélica Projeto Raízes em São Paulo, SP, é músico e jornalista. Escreve regularmente em outras publicações religiosas e musicais.

A amizade de Deus



Nosso Senhor, o Verbo de Deus, que primeiro atraiu os homens para serem servos de Deus, libertou em seguida os que lhe estavam submissos, como ele próprio disse a seus discípulos: *Já não vos chamo servos, porque o servo não sabe o que faz o seu senhor. Mas chamei-vos amigos, pois vos dei a conhecer tudo quanto ouvi de meu Pai* (João 15, 15). A amizade de Deus concede a imortalidade aos que a obtêm.

No princípio, Deus formou Adão, não porque tivesse necessidade do homem, mas para ter alguém que pudesse receber os seus benefícios. De fato, não só antes de Adão, mas antes da criação, o Verbo glorificava seu Pai, permanecendo nele, e era também glorificado pelo Pai, como ele mesmo declara: *Pai, glorifica-me concedendo-me a glória que tive junto de ti, antes que o mundo fosse criado* (João 17, 5).

Não foi também por necessitar do nosso serviço que Deus nos mandou segui-lo, mas para dar-nos a salvação. Pois, seguir o Salvador é participar da salvação, e seguir a luz é receber a luz.

Cuando os homens estão na luz, não são eles que a iluminam, mas são iluminados e tornam-se resplandecentes por ela. Nada lhe proporcionam, mas dela recebem o benefício e a iluminação.

Do mesmo modo, o serviço que prestamos a Deus nada acrescenta a Deus, porque ele não precisa do serviço dos homens. Mas aos que o seguem e servem, Deus concede a vida, a incorruptibilidade e a glória eterna. Ele dá seus benefícios aos que o servem precisamente porque o servem e aos que o seguem precisamente porque o seguem; mas não recebe deles nenhum benefício, porque é rico, perfeito e de nada precisa.

Se Deus requer o serviço dos homens é porque, sendo bom e misericordioso, deseja conceder os seus dons aos que perseveram no seu serviço. Com efeito, Deus de nada precisa, mas o homem é que precisa da comunhão com Deus.

Esta, pois, a glória do homem: perseverar e permanecer no serviço de Deus. Por esse motivo, dizia o Senhor a seus discípulos: *Não fostes vós que me escolhestes, mas eu vos escolhi* (João 15, 16), dando assim a entender que não eram eles que o glorificavam seguindo-o, mas, por terem seguido o Filho de Deus, eram por ele glorificados. E disse ainda: *Pai, quero que, onde eu estou, estejam comigo aqueles que me deste, para que vejam a minha glória* (João 17, 24).

(Do "Tratado contra as heresias", de Santo Irineu, bispo, Século II, no Ofício das Leituras do sábado depois das Cinzas).

CAMINHAR É PRECISO

Pe. Luís Erlin

Caminhar nem sempre é fácil. Se pudéssemos escolher nossas estradas, com toda a certeza, seriam paradisíacas, com oásis de felicidade a cada quilômetro, caminharíamos somente com quem quiséssemos e, quando desse vontade, não haveria grandes subidas nem grandes descidas.

Sabemos, porém, que não é assim. Existem situações que nos fazem caminhar por estradas tortuosas. Mesmo escolhendo, corremos o risco de errar, de acreditar que é a melhor saída, mas com o passar do tempo o sonho acaba se transformando num beco escuro, na ladeira da agonia.

Diante de certas *vias-crucis* retornar ao ponto de largada é impossível, o tempo nos lança para a frente e o futuro incerto tende a paralisar nossas pernas. O que fazer?

Caminhar nem sempre é fácil, mas é preciso!

A vida é uma sucessão de estradas que não têm fim, o que é felicidade hoje, pode ser tristeza amanhã, e o que é cruz hoje, pode-se converter em salvação logo adiante. As escolhas são importantes, mas não nos garantirão o prêmio da tão sonhada “realização”. O que realmente importa não são as estradas, mas a bagagem que carrega aquele que ca-

minha. Bagagem não é peso externo, mas alicerce interior.

Dias atrás, recebi uma carta de alguém que dizia: “a vida desistiu de mim... estou cansada de tudo e de todos”. Pensei comigo, a vida nunca desiste de nós, somos nós que na primeira queda, na primeira dificuldade, desilusão, lamentavelmente desistimos de viver.

Viver não é saltitar por um campo de flores debaixo de um céu azul-anil. Viver é arriscar-se, nunca desistir e superar-se sempre.

Jesus, enquanto percorria o caminho de dor, diz a tradição, caiu três vezes, levantou-se em cada uma delas, mesmo sabendo o que poderia acontecer, olhou para a frente como alguém que é maior que sua cruz. Esse é o segredo.

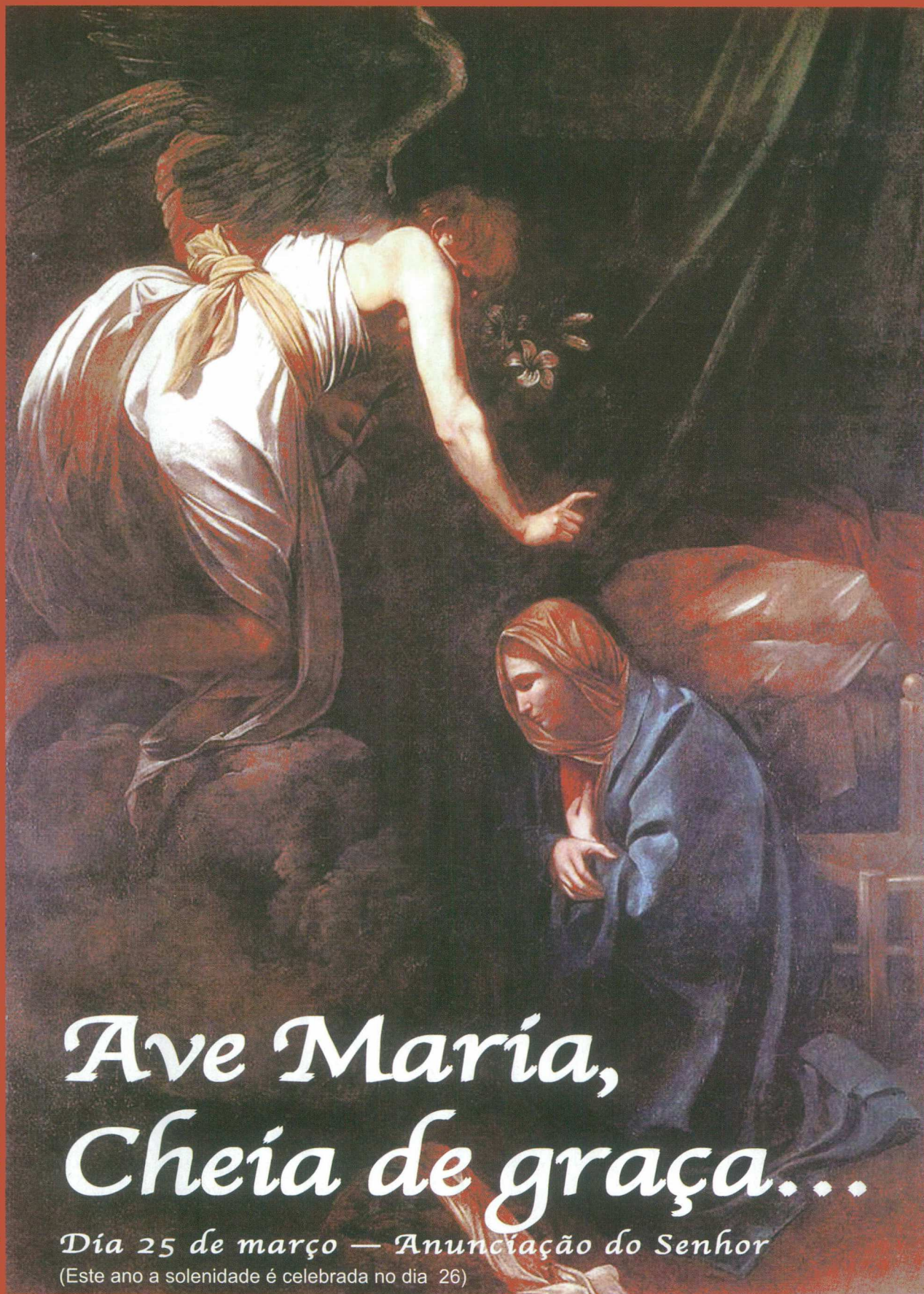
Pessoas medíocres afogam-se num “copo-d’água”. Os iluminados enfrentam o mar, a cruz, a doença, os medos, as incertezas, as decepções. Mesmo a morte não pode vencê-los.

A vida, obra de Deus, sempre triunfará, a morte não.

Vamos, a estrada da vida nos chama!

Pe. Luís Erlin é sacerdote, missionário claretiano - luiserlin@globo.com





Anunciação, Caravaggio (1571 - 1610)

Ave Maria, Cheia de graça...

Dia 25 de março — Anunciação do Senhor
(Este ano a solenidade é celebrada no dia 26)

Santos do mês de março



São José Dia 19

José foi esposo da Bem-aventurada Virgem Maria, a mãe de Jesus, e é venerado como Padroeiro da Igreja Universal.

Era filho de Jacó (ou Heli), descendente de Davi, de profissão “tékton” (em Grego), o que tradicionalmente é interpretado como carpinteiro; no tempo da anunciação do anjo, era noivo de Maria. No *Evangelho da Infância* ele desempenha um papel importante; na parte principal dos evangelhos não é mencionado; Jesus é apenas chamado “filho do carpinteiro”.

Por ser fiel à lei, José resolveu desmanchar secretamente o noivado, quando se evidenciou que sua noiva havia concebido do Espírito Santo; obedecendo,

porém, a um anjo, tomou-a em sua casa, e sem que a tivesse conhecido, ela deu à luz um filho; e ele deu-lhe o nome de Jesus.

Fugiu com o menino e a mãe para o Egito. Voltou depois da morte de Herodes para a terra de Israel e estabeleceu-se em Nazaré. Lucas narra que viajou de Nazaré, na Galiléia, a Belém de Judá, para ser recenseado, com sua esposa que estava grávida e que Jesus nasceu em Belém. Depois, Lucas registra a apresentação no templo, a volta para Nazaré, a peregrinação do observante José a Jerusalém e o fato de Jesus ser submisso a seus pais.

A devoção popular, dedicando tanta veneração a São José, reconhece profundamente que Deus escolhe para sua obra as pessoas mais adequadas e no momento mais justo. ■

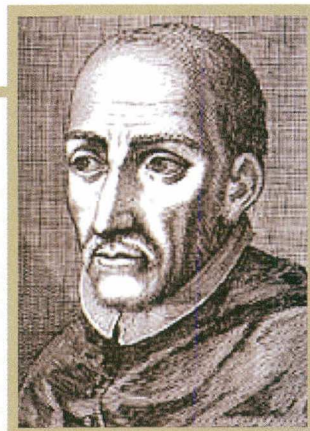
www.oratoriana.com/imagini

Turíbio Afonso de Mongrovejo Dia 23

São Turíbio Afonso de Mongrovejo, bispo (1538-1606). Natural de León (Espanha), veio, ainda leigo, para a América Latina como evangelizador. Aos 42 anos, foi nomeado arcebispo de Lima. Movido pela miséria espiritual e material dos índios, colocou-se decididamente a seu serviço, opondo-se com firmeza aos sucessivos governadores do Peru, às extorsões dos colonos espanhóis e aos privilégios dos religiosos. Governou sua Igreja com a ajuda de concílios e sínodos e fazia contínuas visitas pastorais, falando o dialeto local.

João Paulo II declarou-o patrono do episcopado da América Latina e do Caribe. Bento XVI, em carta de 24 de abril de 2006, dirigida ao episcopado peruano por ocasião das celebrações do quarto centenário de seu falecimento, destacou o profundo espírito missionário de São Turíbio.

Entre os marcos missionários do santo, citou em particular a convocação do III Concílio Provincial de Lima (1582-1583), “que deixou um precioso acervo de doutrina e de normas pastorais”, o chamado “Catecismo de São Turíbio”, instrumento eficaz para instruir na fé milhões de pessoas durante séculos” e a fundação do Seminário Conciliar de Lima, que funciona até hoje. ■



www.lepanto.com.br

A mulher e o poço: em busca da água

Regina Maria de Almeida

Estamos na Quaresma! Neste mês, em especial, duas realidades nos chamam à conversão e estão ligadas ao tema da Campanha da Fraternidade de 2007: a condição de exploração da mulher (8/março) e da água (22/março).

Ao ler João 4, 1-42, vemos que Jesus, ao conversar com a samaritana na beira de um poço, nos revela hoje como viver a fraternidade diante desses dois desafios. Apresentamos, abaixo, um esquema do texto a partir dos diálogos dos personagens:

Versículos (vv.) 1-6: palco onde se realiza o diálogo – a busca da água.

Há aqui uma cena típica do cotidiano de muitas mulheres em todo o mundo: a busca de água para a família. Hoje, devido ao aquecimento global, provocado pelo descaso com a natureza, vivemos num processo de desertificação acelerado. Essa procura por água vai se tornar um trabalho árduo num futuro próximo, a não ser que novas políticas ambientais sejam implantadas, começando, no Brasil, pela preservação da Amazônia.

vv. 7-26: diálogo entre Jesus e a samaritana – ser aprendiz diante do outro.

É interessante perceber que, durante essa conversa, Jesus teve que aprender da samaritana como entrar em contato com ela.

Ele começa o diálogo através do trabalho que ela fazia: “Dê-me de beber!” Mas por essa porta ele não consegue nada. A servidão em que a mulher vive, que perdura até hoje em diversas partes do mundo, não a anima a conversar.

Em seguida, Jesus diz: “Vai buscar teu marido!” É a porta da família. Mas a mulher responde: “Não tenho marido!” Mais uma vez a mulher se retrai.

Finalmente, a samaritana identifica Jesus e afirma: “Vejo que o senhor é um profeta”. Pelo assunto da religião, ela se situa na conversa. Enquanto Jesus toma a iniciativa, não ocorre o diálogo. Quando a samaritana começa a puxar o assunto, aí a coisa avança.

vv. 27-30: resultado do diálogo na pessoa da samaritana – assumir a missão.

Jesus conversa em público com uma mulher, o que era proibido na época. E mais: fala com alguém da Samaria, povo considerado impuro pelos judeus. Ele aproveita as ocasiões que a vida lhe oferece para anunciar a Boa Nova: poço, viagem, trabalho, sede, cansaço.

Jesus ensina à samaritana e a envia como missionária. Ela descobre que pode adorar a Deus em qualquer lugar, contanto que seja em espírito e verdade. Percebe que a fonte da água viva está nela, o dom do Espírito Santo prometido no Antigo Testamento. Aí, larga tudo e volta para a cidade. Já não depende dos outros para o conhecimento de Deus. Ela diz ao povo da cidade: — “Venham ver”. O chamado não consiste em anunciar uma nova doutrina, mas em fazer experimentar uma presença. Logo, também os samaritanos não vão depender mais de alguém para crer: eles mesmos vão ver e experimentar da água viva.

vv. 31-38: resultado do diálogo na pessoa de Jesus – sair a semear.

O diálogo não trouxe mudanças apenas para a samaritana. A conversa fez Jesus reafirmar sua missão de semeador. O texto deixa claro que a vontade do Pai é reunir a humanidade em torno de Jesus, cabendo aos discípulos continuar essa tarefa.

vv. 39-42: resultado da missão de Jesus na Samaria – fé no Deus da Vida.

O verdadeiro anúncio da Boa Nova se dá através do diálogo, da escuta, do respeito ao outro, vendo-o como sujeito do processo de evangelização. Só assim o trabalho da Igreja na Amazônia, como em qualquer parte do mundo, será realmente uma boa notícia de vida. É importante notar que os discípulos foram à cidade e voltaram, mas não converteram ninguém. A Samaritana voltou para a cidade e acabou convertendo muita gente.



Regina Maria de Almeida é teóloga leiga, assessora bíblica popular do Centro de Estudos Bíblicos (CEBI) em São Paulo. www.partilhando.com.br - reginama6@uol.com.br

MISSIONÁRIOS CLARETIANOS

— História vocacional —

Meu nome é Daniel Aparício Rasteiro. Nasci em Ribeirão Preto, SP, no dia 3 de junho de 1985. Meus pais se chamam José Carlos Rasteiro e Ana Maria Aparício Rasteiro. Tenho mais dois irmãos que são mais velhos do que eu, Wagner e Renata.

Fui batizado na Paróquia Nossa Senhora do Rosário no dia 15 de setembro de 1985. Fiz minha Primeira Comunhão no ano de 1996 e recebi a Crisma no ano de 2002, nessa mesma paróquia.

Concluí o Ensino Médio, no ano de 2002, na Escola Walter Ferreira. No ano seguinte, 2003, também me formei técnico em Telecomunicações. Em 2006, terminei o curso de Filosofia, concluindo assim, meu ensino superior.

Durante esse tempo de minha adolescência e juventude, comecei a participar mais assiduamente da vida da Igreja. E foi nessa presença intensa na casa do Senhor que eu pude fazer uma experiência mística com ele, no qual, senti em meu coração o seu chamado. Sentia que ali era o meu verdadeiro lugar. Sentia-me bem na presença e na casa do Senhor. Queria ser propagador do seu Evangelho. Foi com este entusiasmo e motivação, que ingressei no seminário em 2004, na Casa de Acolhida Vocacional Claretiana de Ribeirão Preto, SP.

Já faz três anos que estou no seminário, agora terminando uma etapa da formação, chamada "Postulantado", que é a etapa que me prepara para o "Noviciado", no próximo ano, na cidade de Cochabamba - Bolívia. Estou muito feliz e entusiasmado por estar completando mais uma etapa formativa e partindo para uma outra. Agradeço muito à Congregação dos Missionários Claretianos por estar confiando em mim.

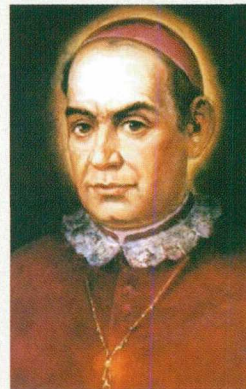
Daniel Aparício Rasteiro

CLARET, DUZENTOS ANOS!

— Antônio Maria Claret —

CLARET, DUZENTOS ANOS

Se o fundador da Congregação Claretiana fosse vivo, completaria, em 23 de dezembro deste ano, duzentos anos de existência! Por isso, desde a edição de janeiro e, se Deus quiser, até a de novembro, publicamos pequenos tópicos da vida deste santo, que tanto nos entusiasma e anima.



Claret: milagreiro?

Claret não foi um santo "milagreiro". Somente nos primeiros anos de ministério correu por toda a Catalunha a fama de fatos surpreendentes, que creditavam o missionário como enviado de Deus. Mas, depois, cessaram os, assim ditos, "milagres".

O testemunho de sua vida, esse sim, foi o máximo expoente de sua autoridade missionária. Nada o detinha: nem o calor, nem as asperezas do caminho. Sempre a pé, passos apressados, cruzando caminhos, como quem ia levar um recado urgente...

Às vezes, porém, parava na estrada para "bater um papo" com algum camponês que lavrava a terra ou com um pastor que apascentava seu rebanho. Para todos, uma conversa amiga, palavras de incentivo e sempre uma mensagem das coisas de Deus.

Claret: profeta?

Como nos milagres, o mesmo se deve pensar sobre as profecias. Claret foi profeta no mais genuíno significado da *Bíblia*: aquele que fala em nome de Deus, adivinha, aprofunda o tempo futuro, mas, sobretudo, interpreta os sinais dos tempos. Entretanto, as pessoas sentiam nele o enviado de Deus, ao verem também realizadas tantas coisas que tinha previsto e anunciado com antecedência.

Diretório Nacional de Catequese -DNC (1)

Irmão Nery

Aprovação

Em 15/08/2005, os bispos, em Indaiatuba, SP, no bairro Itaici, aprovaram o Diretório Nacional de Catequese (DNC). Lá estive, com o padre Luiz Alves de Lima, sdb, ambos, membros da Comissão Redatora. E foram muitas as felicitações pelo trabalho realizado e pela qualidade do novo documento de Catequese. Um ano depois, a Sé Apostólica de Roma, tendo analisado cuidadosamente o texto, aprovou-o.

Este DNC enriquece a longa, fecunda e vitoriosa caminhada do documento Catequese Renovada, Orientações e Conteúdo, que desde 1983, veio conduzindo a renovação da catequese no Brasil. Mas ele é, também, uma resposta ao que nos pedem o Catecismo da Igreja Católica (de 1992/1997), e o Diretório Geral para a Catequese (de 1997).

A elaboração do DNC durou três anos. Uma grande mobilização envolveu centenas de pessoas no enriquecimento dos sucessivos instrumentos de trabalho.

Riqueza do Diretório Nacional de Catequese

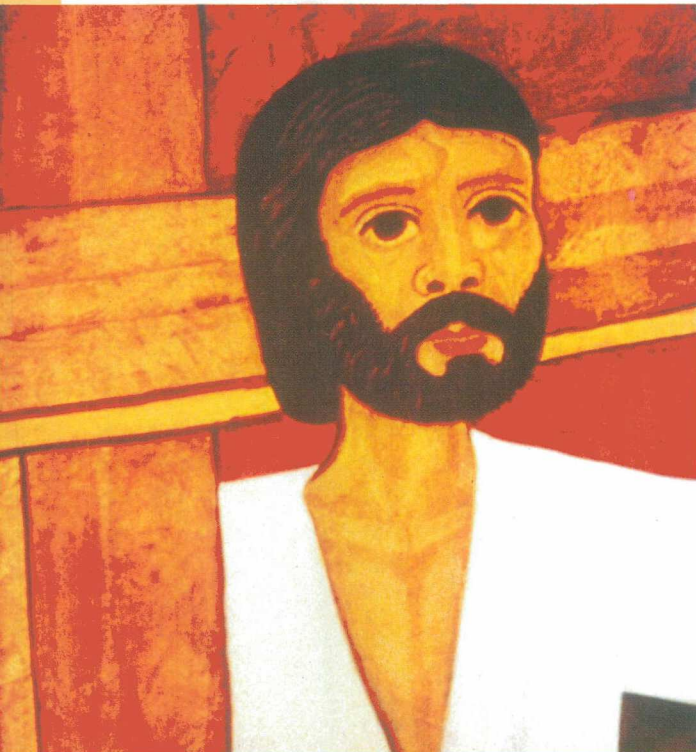
Há um passado, um presente e um futuro no DNC. Suas raízes estão numa história muito rica e dela se abebera. Ele parte de um precioso patrimônio de experiência, escritos e práticas. É como diz o Salmo 78, 24: *O que ouvimos e conhecemos o que nos contaram os nossos pais, não o esconderemos aos nossos filhos; e contaremos à geração seguinte os louvores do Senhor e seu poder e as maravilhas que realizou.* E o DNC está em sintonia com o presente, — os crescentes e insistentes clamores por um mundo justo e solidário —, que chegam a Deus, como outrora: *Eu vi, eu vi a miséria do meu povo... ouvi seu grito por causa dos seus opressores, eu conheço as suas angústias. Por isso, desci a fim de libertá-lo...* (Êxodo 3, 7-8). E, quanto ao futuro, o Diretório aponta novos horizontes, pois a dinâmica da fé nos impulsiona para a frente: *Eu vi. Eu vi um novo céu e uma nova terra!* (Apocalipse 21, 1).

Tarefas

Uma vez aprovado, o DNC requer duas importantes tarefas:

a) uma grande mobilização nacional para seu estudo e aplicação. É tarefa de cada um/a de nós, mas também das dioceses, paróquias, escolas de catequese, faculdades de teologia, casas de formação, movimentos, cursos de formação de leigos/as...

b) a elaboração do Diretório Diocesano de Catequese (DDC). Cada Diocese atualizará ou elaborará um novo DDC. A finalidade do Diretório Diocesano é ajudar a melhorar a compreensão do que seja catequese hoje e como fazê-la funcionar bem. O que interessa é ajudar os fiéis a fazerem uma adesão consciente, esclarecida, generosa e coerente por Jesus, Caminho, Verdade e Vida, e por meio dele, no amor do Espírito Santo, glorificar o Pai, pois *a vida eterna é esta: que eles te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro e aquele, que enviaste: Jesus Cristo* (João 17, 3).



Pintura: Cerezo Barredo

Irmão Nery, fsc, é irmão Lassalista, catequeta, Presidente da SCALA (Sociedade de Catequetas Latino-americanos), autor de "Crônicas de um Ressuscitado", Loyola, "Catequese com Adultos e Catecumenato", Paulus. irnery@yahoo.com.br

A palavra é...

Maciel M. Claro

Saltério

Prezado padre:
Um dia desses, durante a missa, o padre falou que o saltério possui uma beleza imensa e que seria bom que todos nós tivéssemos o costume de ler os Salmos diariamente. O Senhor poderia me explicar o significado e a origem da palavra "saltério"?

Albertina, São Paulo, SP

Você tem razão. O saltério é para nós uma fonte inesgotável de espiritualidade. É a coleção dos cânticos religiosos de Israel composto por 150 Salmos. Os Salmos foram escritos em épocas diversas e por autores diferentes, embora muitos sejam atribuídos a Davi.

A palavra "saltério" vem do Grego, *psaltérion*, que era um instrumento de cordas que acompanhava a execução dos cânticos. Era algo muito parecido com uma harpa. Era um costume judaico que houvesse no Templo cantores e instrumentistas. De acordo com o Livro dos Juízes 21, 19-21 e o Segundo Livro de Samuel 6, 5.16, as festas religiosas eram celebradas com danças e cantos.

Pelo Antigo Testamento, sabemos que o povo se valia dos Salmos para entrar em contato com Deus. Através dos Salmos, o Povo de Deus fazia orações de súplica, louvores e agradecimentos.

No Novo Testamento, também várias vezes Jesus cita os Salmos. Por exemplo, em suas orações antes de morrer: "Meu Deus, meu Deus, por que me abandonastes?" (Salmo 21, 2); "Em vossas mãos entrego o meu espírito"

(Salmo 30, 6). Certamente Maria, na oração do *Magnificat*, os Apóstolos e toda a Igreja Primitiva e, na caminhada da Igreja, milhões de pessoas também rezaram muitas vezes com Salmos. E, até hoje, eles continuam sendo uma forma muito eficaz para entrar em contato com Deus.

O saltério agrupa poemas de



Ilustração de Juan de Sevilla,
século XV, Perpignan,
Museu Hyacinthe Rigaud.

gêneros literários variados, de acordo com a intenção de seu autor. Existem os hinos que nos convidam a louvar a Deus, pelas maravilhas realizadas na natureza, principalmente pela obra da Criação (Salmos 8, 33, 84, 150).

Outros Salmos são súplicas ou

lamentações. Embora se dirijam a Deus, não são salmos de glória. Seu principal propósito não é cantar a glória e o poder de Deus. Após invocar o Espírito de Deus, o salmista pede socorro, através de uma prece ou expressão de confiança no poder do Senhor (Salmos 12, 25, 60, 130).

Existem também os salmos de ação de graças. Nestes, o essencial é o agradecimento e o louvor ao Senhor que ouve nossa oração (Salmos 12, 20, 29, 117, 123).

Na introdução ao Livro dos Salmos, da *Bíblia Ave-Maria* (p. 31), há uma relação dos salmos mais belos, agrupados de acordo com seu tema principal. Eis aqui alguns temas:

- **Salmos de confiança:** 22, 26, 120, 130.
- **Ensinaamentos da sabedoria:** 1, 31, 36, 118.
- **Meditações:** 8, 9, 11, 35, 38, 48.
- **Louvores:** 7, 18, 28, 46, 92, 95, 96, 97, 145.
- **Lamentações:** 24, 31, 32, 43.
- **Ação de graças:** 33, 65, 102, 135.

Dada a atualidade e a importância dos Salmos, a Igreja faz deles sua "oração oficial". Os fiéis cristãos, ao recitarem os Salmos, à luz do Ressuscitado, descobrem neles a renovação da Aliança. Por isso, com toda certeza podemos afirmar que os Salmos são a esperança do Povo de Deus cantada em forma de poesia.

Pe. Maciel M. Claro é missionário claretiano
<maciel@avemaria.com.br>

Ave Maria, cheia de graça...

Nilton César Boni

Maria encantou a Deus! Desde o seu nascimento, a Virgem Maria foi escolhida por Deus para a maternidade divina. Diante da saudação do anjo, Maria sentiu-se frágil e confusa, mas recebeu do Espírito a confirmação de sua vocação. Ela trouxe ao mundo aquele que é o Caminho, a Verdade e a Vida.

Maria cooperou na obra do Salvador e por este motivo ela se tornou para nós mãe na ordem da graça (cf. *Catecismo da Igreja (CIC)*, 968). A graça de Deus é um mistério. Este dom que Deus concede aos seres humanos é sinal da sua presença salvadora. Deus oferece ao ser humano a graça, o amor misericordioso que encanta e restaura. Em várias passagens da Sagrada Escritura, “Deus é amor” (cf. 1ª Carta de João 4, 8). Esta definição tão profunda e atual introduz-nos no cenário da graça, do dom por excelência. Maria concebe o Salvador na mais pura graça de Deus e com isto presenteia a humanidade com o Emanuel, o Deus conosco.

A graça transborda nos corações abertos e esperançosos. Quem se fecha à luz de Deus, não pode transformar-se, tampouco se encontrar com a própria vida. Maria poderia ter dito não aos desejos de Deus, mas não o fez. Sua liberdade a levou a aceitar a vontade do Criador, por isso, Maria acreditou que este dom da maternidade é obra daquele que a chamou.

Entendemos por graça o favor de Deus; a nossa participação na vida de Deus (CIC, 1996 e 1997). Maria teve especial participação na vida divina. Teve íntima comunhão com o Espírito do Senhor o que fez dela a mulher, mãe e companheira do Filho na vida e na morte. Nós não recebemos a graça por méritos próprios, mas por vontade do Criador que age em nós.

Anunciação: Filippo Lippi, 1455



A graça é um caminho de fé, escapa à nossa experiência (CIC, 2005). Evolui mediante a acolhida que o ser humano dá ao amor de Deus. Na vida, há sempre duas escolhas: com Deus ou sem ele. Mediante a aceitação de que Deus habita em nós, vamos-nos transformando diante da graça. Esta responsabilidade diante de Deus é o que nos identifica e nos plenifica na vida espiritual, comunitária, familiar. Maria na sua simplicidade olhou para Deus e o aceitou. Mas o tempo a preparou para a santidade. Ela evoluiu na sua fé e ao se envolver com o fruto do seu ventre abriu para a humanidade a possibilidade da graça. O que Maria experimentou no seu íntimo em profunda comunhão e liberdade com Deus, ela mesma nos transmitiu. Jesus, a graça por excelência, é nosso bem maior.

Alegremo-nos com as possibilidades de Deus. A graça é uma delas e certamente a que nos justifica e nos santifica. Diante desta proposta de encontro e permanência em Deus, resta-nos acolher os dons. Não vivemos para as derrotas causadas pelos pecados e, sim, para a vida nova com Deus que liberta e salva. Veneremos Maria, nossa mãe, a porta de entrada para a graça e com ela elevemos ao Senhor o *Magnificat*, o canto de ação de graças pela fé que nos une. Santa Maria, cheia de graça, rogai por nós!

Pe. Nilton César Boni, cmf, Pinhais, Paraná, correspondência: nilton@claretiabnas.com.br ou ruah13@yahoo.com.br

Senhora da Guarda

MARIA NA DEVOÇÃO POPULAR

Roque Vicente Beraldi

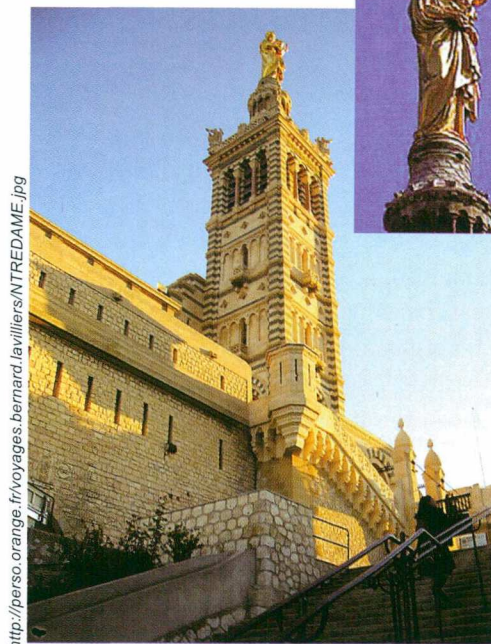
No distrito da cidade de Braga, Portugal, Arquivo da Sé, encontra-se registrado o nome de uma capela com o título de Nossa Senhora da Guarda, localizada na paróquia de Gerez do Lima.

Também na serra do Caramulo, a 24 quilômetros de Viseu, há o Santuário de Nossa Senhora da Guarda. A tradição narra que, no tempo da invasão dos mouros, muitos cristãos fugindo das crueldades dos sarracenos, escondiam-se nas grutas das montanhas. Lá, construíram suas ermidas onde pudessem viver sua fé. Mais tarde, foi elevada à categoria de igreja paroquial. Há vestígios de muita atividade religiosa.

Além dessa devoção em Portugal, também na França, encontramos a cheia de piedade e fervor. A história narra que numa capela construída por um jovem sacerdote, pelo ano de 1214, próxima da Abadia de São Vítor, em Marselha, o culto se desenvolveu bem depressa. Foram fundadas muitas associações com o nome de Nossa Senhora da Guarda. No decorrer do tempo, a primitiva capela ficou pequena e deteriorada. Em 1477, o povo devoto começou a construir outra maior que funcionou normalmente até o século XIX. Por ser de cor escura, os franceses chamavam a imagem de *Notre Dame la Brune*, Nossa Senhora Morena. Com a vinda da revolução francesa, em 1794, as imagens desapareceram como por encanto!

Restabelecida a paz, o povo, descalço, levou em procissão nova imagem de Nossa Senhora, do convento de Picpus para a santa montanha.

Os Padres Oblatos de Maria Imaculada cuidam da nova igreja desde 1837. Construíram a Basílica que foi consagrada em 1864. Sobre a torre, há gigantesca imagem de Nossa Senhora, como símbolo da paz e da verdade.



<http://perso.orange.fr/voyages.bernard.lavilliers/NTREDAME.jpg>

Igreja Nossa Senhora da Guarda, em Marselha, França.

As romarias continuam em viva atividade. Os peregrinos chegam a uns 700 mil, cada ano. Vêm de muitos lugares da Europa, mas principalmente de Marselha, França, que considera Nossa

Senhora da Guarda como padroeira. Também navegantes a veneram. Oferecem miniaturas de barcos e navios, bem como de modernos transatlânticos, como ex-votos e suplicando a proteção da Mãe Imaculada.

Marinheiros há que, ao regressarem de uma longa viagem, mostram, num gesto de piedade filial, a saudação a Maria com tiros de canhão. Todos se ajoelham e cantam a “Salva Rainha”. Ainda hoje, piedosos marinheiros ao emprenderem longa viagem, visitam o Santuário de Nossa Senhora da Guarda e pedem sua proteção. O morro da Guarda é onde se eleva o majestoso templo de onde se devisa o lindo panorama da baía de Marselha.

Pe. Roque Vicente Beraldi é sacerdote, missionário claretiano.

ORAÇÃO

**Ó Maria, que pela anunciação do anjo
aceitaste que o Verbo divino se encarnasse no
teu seio puríssimo, e o protegeste
carinhosamente, guardai-nos, também, com tua
proteção materna, a nós que somos
teus devotos filhos. Amém.**

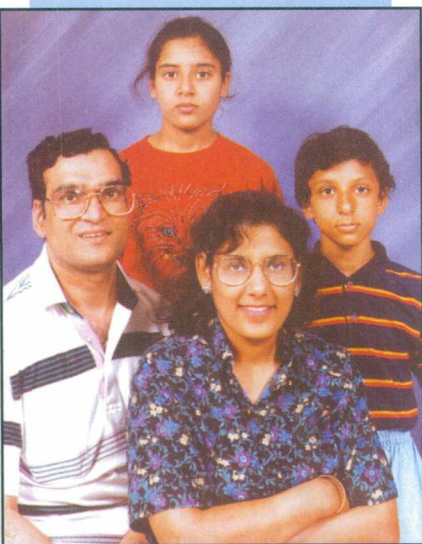
O exercício de dialogar em família

**Aparecida Eunides e
João Bosco Lugnani**

No artigo anterior, abordamos a importância do diálogo para a construção da paz e o relevante papel da família para o aprendizado da arte de dialogar.

Ligeiramente mencionamos alguns princípios fundamentais do diálogo.

Parece então oportuno dar aos membros da família mais alguns elementos para este exercício, pois dialogando, a família aperfeiçoa seus relacionamentos, educa-se na fé e forma cidadãos para a sociedade.



O bom relacionamento familiar não significa ausência de dificuldades e conflitos, pois estes, em maior ou menor proporção, acompanham a vida humana. O relacionamento do casal e familiar é bom quando os membros da família são capazes de resolver os conflitos pelo diálogo. Resolver conflito não é a mesma coisa que resolver problemas. É bom ser capaz de dialogar e estar em relacionamento de qualidade para poder superar os problemas.


Toda pessoa é criada por Deus, portanto, é boa e importante. Negar isto seria admitir que Deus criou algo ruim, o que é absurdo! No diálogo em família, todos precisam ajudar cada um a descobrir seu verdadeiro valor de 'imagem de Deus'! Cada membro da família, a começar pelo casal e pelos adultos, precisa descobrir sua beleza interior e também refletir e descobrir que, ao longo de sua história, criou uma pobre imagem de si que o(a) desanima e prejudica em seus relacionamentos. Esta pobre imagem (todos a temos, em maior ou menor proporção) gera desânimo e chega a paralisar a pessoa; gera as mais diversas fugas, desde o si-

lêncio e o recolhimento, até os vícios e quebra de relacionamentos; gera compensações do tipo exibicionismo, busca de aplauso, dedicação exagerada ao trabalho, ao esporte, às amizades e grupos, dependência de pai ou de mãe, etc. Tudo isto precisa ser identificado em nosso comportamento pessoal, assumido com maturidade e trabalhado voluntariamente, pois destroem a qualidade do relacionamento familiar e outros.

Para este aprendizado e crescimento, o exercício do diálogo é fundamental. Isto requer:

- Uma reunião periódica de cerca de duas horas (pode ser a cada quinze dias) marcada especificamente para este exercício, com participação estimulada mas não obrigatória.
- É necessário escolher um tema (pode ser em forma de perguntas) para a partilha que deve ser voluntária.
- Cada um, voluntariamente, partilha de si, de preferência os seus sentimentos.
- Todos escutam atentamente, sem pressa e sem interrupção, e muito menos com conselhos.
- Nunca debochar, censurar ou ridicularizar quem está partilhando. Respeitar os sentimentos uns dos outros é fundamental.
- Começar e terminar a reunião com uma breve oração. Esta reunião não é de oração, mas de partilha.

Observação: o casal deve adicionalmente ter seu próprio diálogo em particular e com temas mais privativos e de interesse de ambos.

A família que exercita o diálogo vai ver crescer a abertura, a confiança, a amizade, o otimismo e a alegria de estarem juntos. Vai superar com maior facilidade as dificuldades comuns da educação. 

Aparecida Eunides e João Bosco Lugnani, Diretores Pedagógicos do INAPAF, (Instituto Nacional da Família e da Pastoral Familiar - CNBB).

“Cada membro da família, a começar pelo casal e pelos adultos, precisa descobrir sua beleza interior e também refletir e descobrir que, ao longo de sua história, criou uma pobre imagem de si que o(a) desanima e prejudica em seus relacionamentos.”

A música e o silêncio sagrado

Ir. Mária T. Kolling



Irmã Mária Therezinha Kolling é religiosa da Congregação do Imaculado Coração de Maria. É compositora de música litúrgica e religiosa. Ministra cursos de canto pastoral em todo o Brasil.

Disse, com muita razão, um músico hindu que na Índia o silêncio é mais importante que o som no fazer musical, e que nós, ocidentais, fazemos muito barulho e damos pouco espaço para o silêncio, para a escuta, para o recolhimento interior... É verdade: só sabe louvar e cantar a Deus quem é capaz de silenciar o coração, de aquietar a alma e a mente, de escutar e acolher o mistério... Sobretudo, quando se trata da ação litúrgica, onde Deus se faz Silêncio e Palavra, onde o Verbo se faz Carne, e a Palavra se faz Eucaristia, é importante nos educarmos para o silêncio fecundo, para a escuta atenta, pois só esta quietude interior faz brotar os sentimentos de confiança, as experiências vitais: a alegria, a paz, a

sabedoria, a gratidão... só ele gera comunicação e comunhão, só ele nos permite mergulhar no mistério de Deus, que se revela não no barulho, mas na suavidade, na calma, no silêncio... (cf. 1º Livro dos Reis 19, 11-13).

O Estudo 79 da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, CNBB, sobre A Música litúrgica no Brasil, nos diz a este respeito, em seu nº 326: *“A celebração deve comportar uma revalorização do silêncio, dentro de uma liturgia que, no espaço de poucos anos, passou de um acontecimento silencioso a uma vivência por demais sonora, cheia de palavras e música; ainda mais que o povo, às vezes, vem para a celebração depois de ter sido fortemente “bombardeado” por um ambiente musical atordoante... Grande é a responsabilidade de encontrar um equilíbrio para esta questão”*.

Portanto, o silêncio tem também uma função musical, é “silêncio musical”, uma vez que a música, assim como a palavra, só tem sentido se for também pausa reflexiva e

contemplativa. O silêncio é muito valorizado pela liturgia, previsto em vários momentos: no ato penitencial, antes da oração da coleta, após as leituras e a homilia, durante a narrativa da última Ceia, após a comunhão, devendo ser sempre bem conduzido... Mas também já antes da Celebração é bom fazer silêncio na igreja e nos lugares próximos, tomando consciência de estarmos na presença de Deus. João Paulo II, em sua Carta Apostólica, ao retomar os Documentos do Concílio Vaticano II, incentiva a assembléia às aclamações, respostas, refrãos, salmódias..., exortando porém que *“seja também observado o silêncio sagrado”*.

Por isso, é muito importante que o presidente, os ministros, o grupo de canto e instrumentistas, enfim toda a assembléia, aprendam a valorizar o silêncio orante, pleno do Espírito, a serviço da participação ativa dos fiéis. O Espírito age no silêncio, é ele que nos conduz à contemplação do mistério de Cristo, e só uma abertura à sua presença e ação transformadora, num ambiente favorável – silêncio interior e exterior! – pode se fazer resposta de vida, pessoal e comunitária.

É preciso redescobrir e valorizar o som do silêncio nas nossas Celebrações, hoje muito barulhentas, com instrumentos musicais e aparelhos ligados em alto som, muitas vezes sufocando a mensagem do canto, ou mesmo o cantar e gesticular sem parar, sem dar espaço à escuta e contemplação. Vale a pena citar e recomendar o artigo *“Para ti, Senhor, até o silêncio é louvor”*, do Frei Faustino Paludo, à pág. 101 do livro *“Liturgia no coração da vida”*, da Editora Paulus: *“Iludem-se os que ainda pensam que celebra com maior intensidade quem mais fala, comenta, canta, faz barulho, movimenta-se, aplaude, ri, chora e dança. O desafio está em reconhecer que, em meio a tantos ruídos, perde-se a profundidade do que se fala, do que se canta, da ação que se realiza”*. A verdadeira música vem do silêncio e a ele nos leva!...

Refrãos orantes e contemplativos, pequenas frases bíblicas, uma palavra repetida verbal e musicalmente... podem favorecer um clima de escuta, predispor-nos à acolhida, criar a necessária sintonia do coração ao mistério, fazer o caminho do silêncio.

“O silêncio vem a ser a mãe, o útero da pessoa, posto que somente dele recebe vida que é comunicação.” (C. Kaufmann)
A gestação da vida começa no silêncio!...

O papa em Aparecida

Puebla (1978)

Ronaldo Mazula

Em maio, acontecerá a V Conferência do Episcopado da América Latina e Caribe, CELAM, em Aparecida do Norte, SP, com a presença do papa Bento XVI, de 9 a 13 de maio. A revista Ave Maria, dá continuidade à série de artigos históricos, com o objetivo de recuperar a memória latino-americana e os ensinamentos da Igreja Católica neste continente.

Puebla, México, foi a continuidade de Medellín, Colômbia, e naquela conferência se acentuou a comunhão e a participação de todos para se chegar à libertação integral em Jesus Cristo.

CONTEXTO HISTÓRICO

A conferência ocorreu na época dos 'golpes militares' na América Latina, AL. No fim do pontificado de Paulo VI (1972-76), a Igreja da AL sofreu uma repressão nunca imaginada em outras épocas. O Papa lançou uma grande encíclica reunindo os temas da evangelização e libertação: *Evangelii Nuntiandi* (*Sobre o anúncio do Evangelho*), em 1975.

Em 1979, triunfou a Revolução Sandinista na Nicarágua. E, em 1981, João Paulo II escreveu a encíclica *Laborem exercens* (*Sobre o trabalho humano*), de grande transcendência, mas que incentivava também uma política contrária (visita à Nicarágua, em 1983, e a 'Instrução sobre alguns aspectos da Teologia da Libertação', em 1984).

Segundo, Dussel Enrique, os desafios para Puebla eram estes: "unir-se mais com a vida do povo sofrido que suporta a violenta repressão na AL por meio das Comunidades Eclesiais de Base, CEBs; a defesa dos direitos humanos; a participação eclesial nos processos revolucionários com os seus bispos mártires (Oscar Romero, Enrique Engelleli); o crescimento de uma corrente contrária à opção pelos pobres e a Teologia da Libertação" (cf. DUSSEL E. *História da Igreja Latino-Americana*, pp. 69-74).



Para Comblin, "Puebla foi uma assembléia eminentemente ambígua e indecisa. Desde 1972, o CELAM foi dirigido pelo secretário geral Alfonso López Trujillo, num combate contra a Teologia da Libertação. Puebla devia ser para o CELAM, uma luta entre duas visões de igreja: uma simbolizada pelo CELAM com López Trujillo (conservadora), outra simbolizada por Gustavo Gutiérrez (libertadora).

Por outro lado, o discurso inaugural do papa João Paulo II destacou os três inimigos da Igreja na América Latina: a *igreja popular* (identificada nas CEBs), o *magistério paralelo* (presente nos religiosos-CLAR e na teologia da libertação) e as *releituras bíblicas*. A assembléia não aceitou a orientação traçada pelo CELAM e pelo Papa. Desta forma se escreveu um documento desigual (discurso das culturas x discurso da opção pelos pobres). Mas de forma geral

podemos dizer que, na opinião católica, prevaleceu a convicção de que Puebla confirmara as grandes opções de Medellín (cf.: Comblin J., *La Iglesia Latinoamérica desde Puebla a Santo Domingo, y cambio social*. pp. 34-36)

O DOCUMENTO DE PUEBLA

1. VISÃO PASTORAL da realidade Latino-Americana (os grandes momentos da evangelização, visão sócio-cultural, visão da realidade, tendências atuais).

2. DESÍGNIO DE DEUS sobre a realidade (conteúdo da evangelização e 'o que é evangelizar').

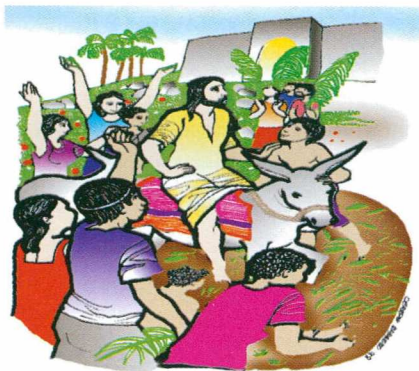
3. Evangelização na Igreja da AL (centros de comunhão e participação, agentes, meios e diálogo para comunhão e participação).

4. Igreja Missionária a serviço da Evangelização na AL, opção preferencial pelos pobres e pelo jovens).

5. Sob o Dinamismo do Espírito: opções pastorais (Igreja: sacramento de comunhão, servidora e missionária).

Concluindo, podemos afirmar que Puebla foi marcante na confirmação dos ideais de Medellín, apesar das visões diferentes e contrárias que se fortaleciam e revelou mais claramente as tensões intra-ecliais no continente. Puebla reforçou a opção pelos pobres (n. 1.128ss), a defesa dos direitos humanos e a resistência e fez um grande convite para a comunhão e participação de todos na libertação integral do continente a partir de Jesus Cristo e seus ensinamentos.

Pe. Ronaldo Mazula é missionário claretiano, professor de História da Igreja.



Domingo de Ramos

1º de abril

1ª leitura: Livro de Isaías 50, 4-7:
Não desviei o rosto dos ultrajes.

Setenta anos após a frustrada insurreiçãõ judaica, a comunidade de Lucas, em plena Galiléia, via-se dominada ainda mais por Roma, com toda sua força. Ainda havia grupos majoritários que esperavam pela chegada definitiva do Messias que os libertaria do domínio explorador romano.

A meditação sobre as profecias do Servo do Senhor resgatam a verdadeira face do Messias, indicando que deveria sofrer porque se colocara ao lado dos pobres e dos excluídos, daqueles que toda a sociedade despreza. Quem se põe ao lado desses miseráveis e defende seus direitos atrai sempre a ira de uma parte da sociedade.

Salmo 21, 8-9. 17-18a. 19-20. 23-24
(+ 2a): Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?

2ª leitura: Carta aos Filipenses 2, 6-11:
Humilhou-se, por isso Deus o exaltou acima de tudo.

Para conseguir gravar mais profundamente no coração dos filipenses este ensinamento, Paulo lhes apresenta o exemplo de Jesus Cristo, e o faz citando um hino muito lindo, que era cantado naquela comunidade.

O Messias tinha aparecido entre nós na humildade e na fraqueza, tinha sido desprezado, tido como louco, até por seus parentes, por ter pregado a doutrina de libertação dos oprimidos. Mais do que isso, tinha quebrado com os costumes judaicos que excluía de seu convívio todos os que tinham alguma doença, os que não podiam oferecer sacrifícios no templo e na sinagoga para se tornarem “puros”, chamando-os de endemoninhados.

Sempre há alguém pretendendo sentir-se superior aos demais, querendo se impor, mandar, decidir, dominar sobre os demais. Para nós, portanto, vale a reflexão de Paulo.

Evangelho: Lucas 22, 14 – 23, 56:
Como desejei comer esta Páscoa com vocês!

Talvez por questões teológicas, ou eclesiológicas, os evangelistas deixam a impressão de que Jesus tenha celebrado a ceia pascal somente com os Doze. Contudo, é lícito pensar que lá havia mais pessoas, começan-

do pelo grupo de mulheres que seguiam Jesus. Depois que elas tinham acompanhado o Mestre ao longo do ministério, depois de terem participado da mesa de Jesus com pecadores e impuros — cena descrita com cores tão vivas pelos evangelistas —, não tem cabimento pensar que na hora final haja desejado a companhia somente dos Doze. Nem tampouco se poderá deduzir como conseqüência imediata que nisso está legitimada a origem dos ministros da Eucaristia(!).

Então, dever-se-ia levar a conclusão até as últimas conseqüências e assumir que esta última ceia de Jesus com seus discípulos é o ápice de uma vida que se voltou total e radicalmente para os empobrecidos, marginalizados e pecadores para acolhê-los, para resgatá-los, para fazê-los sentar à mesa e elevá-los de novo à categoria de filhos de Deus e irmãos de Jesus e de seus discípulos; e que essa mesma coisa deve ser feita por nós.

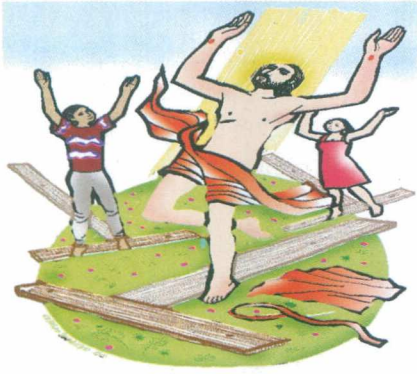
PARA REVISÃO DE VIDA

Para Jesus, “amar” significa “descer”. Jesus desceu de Deus para o homem e, estando entre os homens, desceu até o último, até o mais desprezível. E nós? Como aplicamos a nós esse exemplo de nosso Mestre? Ter fé significa ter coragem de seguir Jesus no caminho que conduz à doação da própria vida. É assim que procedemos?



LEITURAS PARA SEMANA SANTA

2 – SEGUNDA: Is 42, 1-7 = Primeiro cântico do Servo: apresentação. Sl 26. Jo 12. 1-11 = Seis dias antes da Páscoa, jantar em Betânia e unção dos pés de Jesus. **3 – TERÇA:** Is 49, 1-6 = Segundo cântico do Servo: a missão. Sl 70. Jo 13, 21-33. 36-38 = Jesus anuncia a traição dos seus. **4 – QUARTA:** Is 50, 4-9a = Terceiro cântico do Servo: sofrimento e confiança. Sl 68. Mt 26, 14-25 = Traído, o Filho do homem se vai... **5 – QUINTA:** (missa do Lava-pés) Ex 12, 1-8. 11-14 = Solene ceia do cordeiro pascal. Sl 115. 1Cor 11, 23-26 = A nova ceia pascal. Jo 13, 1-15 = Jesus lava os pés dos apóstolos. **6 – SEXTA: PAIXÃO DO SENHOR.** Is 52, 13 - 53, 12 = Quarto cântico do Servo: paixão e glória. Sl 30. Hb 4, 14-16; 5, 7-9 = Jesus, sumo-sacerdote, passou pelas mesmas provações que nós. Jo 18, 1 - 19, 42 = Paixão de nosso Senhor Jesus Cristo. **7 – SÁBADO: Vigília Pascal.** Ex 14, 15 - 15, 1 = Passagem do Mar Vermelho, isto é, do pecado à graça. Cânt.: Ex 15, 1-6. 17-18. Rm 6, 3-11 = Sepultados com Cristo, pelo batismo, ressuscitemos com ele. Lc 24, 1-12 = Anúncio da ressurreição.



Domingo de Páscoa

8 de abril

1ª leitura: Atos dos Apóstolos 10, 34a. 37-43: Os apóstolos, testemunhas de Jesus Ressuscitado.

Jesus, como narram os evangelhos, ressuscitou “no primeiro dia da semana” (Mateus 28, 1). Por essa razão, os primeiros cristãos começaram a reunir-se a cada semana para celebrar a sua festa, não mais no sábado, como faziam os judeus, mas no dia seguinte (cf. Atos dos Apóstolos 20, 6-12; 1ª Carta aos Coríntios 16, 2), naquele mesmo dia que os romanos chamavam de o “dia do Sol”.

Logo depois, foi mudado também o nome desse dia, que passou a ser chamado “dia do Senhor” (a palavra domingo é derivada de *dominicus*, do latim, que significa “pertencente ao senhor”).

No começo, portanto, não havia nem a festa do Natal, nem as festas de Nossa Senhora, nem qualquer outra festa. Havia a celebração semanal da ressurreição do Senhor e só. Decorridas algumas décadas, porém, os cristãos sentiram a necessidade de

celebrar de um modo especial esse acontecimento central da fé. Sentiram a necessidade de instituir a primeira de todas as festas, a Páscoa, considerada o “Domingo dos domingos”, a “Festa das festas”.

Nós, no batismo, passamos da morte para a vida. Mas só daremos testemunho da ressurreição se abandonarmos as obras da morte: ódios, rancores, invejas, vinganças, adultérios... então, podemos proclamar-nos testemunhas da ressurreição.

Salmo 117, 1-2. 16ab-17. 22-23 (+ 24): Este é o dia que o Senhor fez, dia de júbilo e de alegria.

2ª leitura: Carta aos Colossenses 3, 1-4: Procurai as coisas do alto, onde Cristo se encontra.

Estas palavras de Paulo, mal-entendidas, poderiam dar azo a pensarmos que ele nos aconselha o desinteresse pelas coisas de nosso dia-a-dia. Mas pelo contrário, quer que batalhe-mos pelo pão nosso de cada dia, como sempre fizemos, mas com espírito novo, renovado: sem preconceitos, desamores, injustiças, opressões, violências e impurezas... Será pelas boas obras a manifestação da vida nova que carregamos dentro de nós. São sinais de sua presença.

Evangelho: João 20, 1-9: Ele devia ressuscitar dos mortos.

Quando os discípulos daquela primeira comunidade cristã senti-

ram interiormente a presença transformadora de Jesus, e quando a comunicaram, foi a ocasião em que realmente experimentaram a ressurreição de Jesus. O conteúdo simbólico dos relatos do Ressuscitado atuante revela o processo renovador que opera no interior das pessoas e do grupo, Jesus ressuscitado.

Magnífico exemplo do que o efeito da Ressurreição pode produzir também hoje entre nós; nos âmbitos pessoal e comunitário.

A capacidade do perdão, da reconciliação com nós mesmos, com Deus e com os demais; a capacidade de reunificação e de transformação em proclamadores eficientes da presença viva do Ressuscitado pode operar-se também entre nós. Da mesma maneira que aquele punhado de homens tristes, covardes e separados da comunidade foi transformado pelo milagre da Ressurreição do Senhor.

PARA A REVISÃO DE VIDA

Alguém de nós poderá pensar que a doação da própria vida seja somente sinônimo de morte, renúncia, aniquilamento de si mesmo.

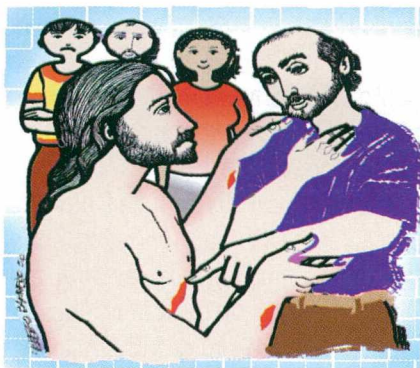
Outros, ao contrário, entendem que uma vida doada aos irmãos é a novidade do Reino.

Qual é a posição de cada um de nós diante da escolha da doação da vida? De ressurreição ou de morte? Lutamos contra os sinais de morte: fome, desemprego, violência...?



LEITURAS DA SEMANA DA OITAVA DA PÁSCOA

9 – SEGUNDA: At 2, 14.22-33 = Pedro: Jesus, que matastes, Deus o ressuscitou! Sl 15. Mt 28, 8-15 = Aparição às mulheres. **10 – TERÇA:** At 2, 36-41 = Pedro: Jesus que crucificastes, Deus o constituiu Senhor e Messias. Sl 32. Jo 20, 11-18 = Aparição a Maria Madalena. **11 – QUARTA:** At 3, 1-10 = Pedro a um coxo: em nome de Jesus Cristo Nazareno, levanta-te e anda! Sl 104. Lc 24, 13-35 = A caminho de Emaús. **12 – QUINTA:** At 3, 11-26 = Pedro: matastes o autor da vida, mas Deus o ressuscitou. Sl 8. Lc 24, 35-48 = Aparição aos onze. **13 – SEXTA:** At 4, 1-12 = Pedro: Jesus, pedra por vos desprezada, tornou-se pedra angular. Sl 117. Jo 21, 1-14 = Aparição aos discípulos, na Galiléia. **14 – SÁBADO:** At 4, 13-21 = Pedro e João: não podemos deixar de falar! Sl 117. Mc 16, 9 -15 = Jesus ressuscitado envia os Onze em missão.



2º domingo de Páscoa

15 de abril

1ª leitura: Livro dos Atos dos Apóstolos 5, 12-16: Crescia o número dos que acreditavam no Senhor e aderiam à sua doutrina.

Os apóstolos são agora a presença do Ressuscitado no meio da comunidade. Os sinais e prodígios que realizam são a ratificação da mudança que estava produzindo o anúncio da ressurreição de Jesus. Anúncio que foi capaz de transformar a vida de homens e mulheres para que aderissem à fé do Senhor. É importante notar que, na nova experiência em torno de Jesus Cristo, a nova comunidade quer viver uma unidade real e verdadeira, capaz de superar toda polaridade ou divisão por motivo social, cultural ou de gênero. No grupo de cristãos, foram superados os problemas: pobres-ricos, gregos-judeus e mulheres-homens. Agora, todos têm acolhida na nova comunidade, respeitando-se em cada um seu processo individual até que alcance sua idade adulta na fé.

**Salmo 117, 2-4. 22-24. 25-27a (+ 1):
Celebrai ao Senhor, porque ele é bom,
porque seu amor é para sempre!**

**2ª leitura: Livro do Apocalipse 1, 9-11a
12-13. 17-19: Estive morto, mas eis
que eu estou vivo pelos séculos
dos séculos.**

João, autor do escrito apocalíptico, conta-nos, no texto que lemos hoje, que se encontra em Patmos, desterrado por “ter pregado a palavra de Deus e ter dado testemunho de Jesus”, isto nos ilustra sobre as repercussões sociais da pregação apostólica.

Mas é desse lugar, de exclusão política, que Deus envia uma mensagem de vida a toda a Igreja primitiva para que, no meio da perseguição que se levantou por causa do anúncio da ressurreição de Jesus e da nova forma de vida que prega o cristianismo nascente, siga firme e fiel, pois quem foi ressuscitado dentre os mortos é “o princípio e fim de tudo”, e acompanhará seus seguidores até o final da história.

A experiência de Jesus ressuscitado vem a ser a experiência da unidade e a de não excluir o irmão. Deus é Pai de todos os que assumem o projeto de vida que ele propõe para a humanidade por meio de Jesus.

Evangelho: João 20, 19-31: Oito dias depois, Jesus veio.

No evangelho, João nos apresenta o encontro do Senhor ressuscitado com Tomé, que se negou a crer

que seus companheiros tivessem tido a experiência do Ressuscitado, que lhes mudou a forma de ver o mundo, tornou-os mais humanos e mais sensíveis à realidade em que vivia seu povo nesses momentos históricos.

Tomé, por nada deste mundo, acreditou no testemunho de seus companheiros.

Ele quer ter sua própria experiência com o Senhor. E é respeitado pelo grupo, que não o rejeita pelo fato de não acreditar neles. Eles compreenderam que os processos individuais são diferentes e há pessoas que tardam mais tempo para reconhecer com sua vida e sua palavra que Jesus Cristo, o Senhor, levantou-se dentre os mortos pelo poder de Deus.

E chegou o momento em que Tomé se encontrou com o Senhor ressuscitado. Foi o momento da experiência que lhe fez sentir que ele também fazia parte da comunidade do Ressuscitado. O evangelista narra de maneira solene e forte esse encontro com o Senhor, já que o relato traz como fundo o testemunho de uma profunda mudança interior em Tomé, que o faz sentir o Senhor ressuscitado mais próximo e em forma mais impressionante que o dos demais encontros dos discípulos com o Ressuscitado: *meu Senhor e meu Deus!*

PARA REVISÃO DE VIDA

Posso afirmar que dou testemunho da ressurreição em minha comunidade? A experiência de Jesus ressuscitado desfaz em mim todo preconceito?

LEITURAS DA 2ª SEMANA DA PÁSCOA

16 – SEGUNDA: At 4, 23-31 = Senhor, realizai prodígios em nome de Jesus, vosso santo servo. Sl 2. Jo 3, 1-8 = Jesus a Nicodemos: necessário vos é nascer de novo. **17 – TERÇA:** At 4, 32-37 = Com coragem, davam testemunho do Senhor Jesus. Sl 92. Jo 3, 7b-15 = Jesus a Nicodemos: dizemos o que sabemos. **18 – QUARTA:** At 5, 17-26 = Segunda prisão e libertação dos apóstolos. Sl 33. Jo 3, 16-21 = Jesus a Nicodemos: Deus entregou ao mundo o seu Filho único! **19 – QUINTA:**

At 5, 27-33 = Pedro e os apóstolos: Deus ressuscitou Jesus, que vós matastes. Sl 33. Jo 3, 31-36 = Quem crê no Filho tem a vida eterna. **20 – SEXTA:** At 5, 34-42 = Contentes de sofrer afrontas pelo nome de Jesus! Sl 26. Jo 6, 1-15 = Multiplicação dos pães: este é verdadeiramente o profeta. **21 – SÁBADO:** At 6, 1-7 = Eleição dos primeiros diáconos. Sl 32. Jo 6, 16-21 = Jesus anda em cima da água.





3º domingo da Páscoa 22 de abril

1ª leitura: Atos dos Apóstolos 5, 27b-32.40b-41: Nós somos testemunhas disto, nós e o Espírito Santo.

Cristo foi um homem incômodo para os detentores do poder, quer político, quer religioso; os apóstolos, da mesma forma, foram incômodos para as autoridades constituídas e, por isso, foram perseguidos. Também em nossos dias, os cristãos autênticos não podem deixar de ser pessoas ousadas. Eles sempre deram e continuarão dando aborrecimentos aos que propugnam e defendem situações injustas, incompatíveis com o Evangelho. Sempre perturbaram e continuarão perturbando os que querem perpetuar tradições intoleráveis, nocivas à dignidade do homem e da mulher.

Com uma valentia incrível, aqueles que tinham fugido, abandonando o Mestre quando este foi preso, afirmam agora que continuarão pregan-

do por que “importa obedecer antes a Deus do que aos homens”. Esta situação se repetirá inúmeras vezes na história da Igreja, quando a autenticidade da mensagem entra em conflito com os interesses que se lhe opõem.

Salmo 29, 2 e 4. 5 e 6. 11 e 12a e 13b (+ 2a): Eu vos exalto, Senhor, porque me libertastes.

2ª leitura: Livro do Apocalipse 5, 11-14: Digno é o Cordeiro imolado de receber o poder e a riqueza.

O Cordeiro que foi imolado se aproxima do trono de Deus, toma da sua mão direita o livro e rompe os selos.

O Cordeiro é Jesus, o único que pode abrir o livro no qual se encontra a resposta às questões mais misteriosas do coração do homem: de onde viemos, para onde vamos, para que a vida, por que a dor, por que neste mundo há pessoas felizes e outras, sem qualquer culpa, passam por tantos sofrimentos? Por que a morte? E depois da morte?

Só Cristo pode iluminar os acontecimentos da história, dar um sentido a tantos dramas e a tantas angústias.

Evangelho: João 21, 1-9: Jesus tomou o pão e o repartiu e depois fez o mesmo com os peixes.


O capítulo 21 de João expressa a harmonização das duas tradi-

ções: Pedro é reconhecido como pastor, mas sob a condição de que aceite sua definição fundamental como discípulo. Uma vez reconhecido como pastor, Jesus lhe anuncia o tipo de morte pela qual glorificará a Deus: sua crucificação em Roma. Depois, o Senhor lhe repete sua fórmula favorita: “segue-me”, quer dizer, lembra-lhe formalmente a missão de discípulo.

Não será fácil para Pedro entender e aceitar esta proposta. Durante muito tempo, ele esteve apegado às suas convicções de primazia sobre os outros, a seus sonhos de grandeza, àquelas suas esperanças de mandar no rebanho. Jesus lhe pede conversão completa no modo de pensar e de agir. Exige dele uma capacidade de amar sem condições, superior à de todos os outros. Eis o que significa “apascentar”: não quer dizer impor a própria vontade aos outros, mas preceder os irmãos na doação da vida.

PARA REVISÃO DE VIDA

Como membros de nossa comunidade, obedecemos a Deus ou aos homens? Deixamo-nos influenciar pelo medo ou por algum “arranjo” com as autoridades? Decidimo-nos por coisas moralmente inaceitáveis?

Se na comunidade temos a missão de presidir a caridade, somos os primeiros e os mais generosos nessa doação de nós mesmos? 

LEITURAS DA 3ª SEMANA DA PÁScoa

23 – SEGUNDA: At 6, 8-15 = Prisão de Estêvão, testemunha de Jesus de Nazaré. Sl 118. Jo 6, 22-29 = O alimento eterno consiste em crer naquele que Deus enviou. **24 – TERÇA:** At 7, 51 – 8, 1a = Martírio de Estêvão: viu Jesus de pé à direita de Deus. Sl 30. Jo 6, 30-35 = O pão de Deus é o que desce do céu e dá vida ao mundo. **25 – QUARTA:** S. Marcos Evangelista. 1Pd 5, 5b-14 = Sauda-vos Marcos, meu filho. Sl 88. Mc 16, 15-20 = Proclamai a Boa Nova a toda criatura. **26 – QUINTA:** At 8, 26-40 = Filipe evangelizou, converteu e batizou o ministro etíope. Sl 65. Jo 6, 44-51 = Quem crê, tem a vida eterna. **27 – SEXTA:** At 9, 1-20 = Conversão e batismo de Saulo. Sl 116. Jo 6, 52-59 = Quem come o meu corpo e bebe o meu sangue, ressuscitará. **28 – SÁBADO:** At 9, 31-42 = Pela assistência do Espírito Santo e pelos milagres, muitos se converteram. Sl 115. Jo 6, 60-69 = Senhor nós cremos e sabemos que tu és o consagrado de Deus.



4º domingo de Páscoa

29 de abril

1ª leitura: Livro dos Atos dos Apóstolos 13, 14. 43-52: Então nos voltaremos para os pagãos.

O episódio narrado na leitura de hoje nos traz à mente um fato semelhante ao ocorrido com Jesus. Ele também, depois de iniciar a sua pregação, é expulso da sinagoga de Nazaré e corre até o risco de ser linchado por aqueles que se haviam reunido para rezar. Os seus conterrâneos tinham a convicção de serem religiosos exemplares, de terem um conhecimento pleno de Deus, não podiam, pois, aceitar que Jesus pusesse em dúvida suas convicções religiosas e lhes provasse que eles tinham interpretado muito erroneamente as Escrituras Sagradas (Lucas 4,16-29).

Se Jesus e os Apóstolos foram perseguidos, não é de admirar que também em nossos dias os autênticos pregadores do Evangelho não encontrem sossego.

Salmo 99, 2. 3. 5 (+ 3c): Nós somos o povo e o rebanho do Senhor.

2ª leitura: Livro do Apocalipse 7, 9. 14b-17: O cordeiro será seu pastor.

Em consonância com isso, a visão apocalíptica que João nos descreve na segunda leitura não se limita a um simples sonho nacionalista judaico. Ela tem a intenção de fazer conhecer a nova idéia de Deus que Jesus nos revela no Novo Testamento: seu Pai é o Deus Pai de todos os homens e mulheres, sem exceção alguma.

Todos são recebidos na nova realidade instaurada pelo Cordeiro, já que nele foram superadas todas as fronteiras que os humanos construíram para viver separados e divididos. Já não haverá divisão nem rejeição, porque em Jesus Cristo todos fomos recebidos como irmãos. O Cordeiro imolado será o pastor que conduzirá todos os eleitos – vindos de todas as nações – para fontes de águas vivas, porque assimilaram o projeto do Pai; e lá será onde Deus enxugará suas lágrimas (Apocalipse 7, 17). Cristo assume as duas funções: de vítima que se imola e de Pastor das mesmas ovelhas.

Evangelho: João 10, 27-30: Eu dou às minhas ovelhas a vida eterna.

O “Bom Pastor” de que nos fala João não tem nada a ver com a

imagem meiga e suave que estamos acostumados a ver. Apresenta-nos um homem enérgico, robusto e decidido que luta contra os bandidos e contra os animais selvagens. Jesus é o bom pastor porque não tem medo de lutar, a ponto de dar a própria vida pelo rebanho que ele ama (10,11).

As minhas ovelhas – diz ele – jamais hão de perecer e ninguém as roubará de minha mão (v. 28). A salvação delas é garantida, não pela sua docilidade, pela sua fidelidade, mas pela iniciativa, pela coragem, pelo amor do Senhor. O amor de Jesus é gratuito e incondicional. Esta é a grande mensagem! Esta é a Boa Nova que nos vem da Páscoa e que cada cristão deve anunciar a todos os homens. Também para aquele que fez tudo errado na vida ele deve dizer: as minhas fraquezas e misérias, minhas escolhas de morte não conseguirão derrotar o amor de Cristo.

PARA REVISÃO DE VIDA

Mais do que muitos de nós – que nos julgamos membros do rebanho de Cristo –, poderá ser discípulo do “bom pastor” aquele que, embora não conhecendo Cristo, se sacrifica pelo pobre, pratica a justiça, a fraternidade, a partilha dos bens, a hospitalidade, a fidelidade, a sinceridade, a recusa à violência, o perdão aos inimigos, o compromisso pela paz!



LEITURAS DA 4ª SEMANA DA PÁSCOA

30 – SEGUNDA: At 11, 1-18 = Também os pagãos são chamados à salvação. Sl 41. Jo 10, 1-10 = Jesus, o bom Pastor.

1º DE MAIO – TERÇA: At 11, 19-26 = Fundação da Igreja de Antioquia. Sl 86. Jo 10, 22-30 = Eu e o Pai somos um. **2**

– QUARTA: At 12, 24 – 13, 5a = A palavra de Deus crescia e se espalhava. Sl 66. Jo 12, 44-50 = Vim como luz ao mundo. **3 – QUINTA:** Ss. *Filipe e Tiago Menor Aps.* 1Cor 15, 1-8 = O Senhor apareceu a Tiago e, depois, a todos os

apóstolos. Sl 18. Jo 14, 6-14 = Há tanto tempo estou convosco e não me conheceis? **4 – SEXTA:** At 13, 26-33 = Crucificaram o Salvador Jesus, mas Deus o ressuscitou dentre os mortos. Sl 2. Jo 14, 1-6 = Eu sou o caminho, a verdade e a vida. **5 –**

SÁBADO: At 13, 44-52 = Eu te designei para levars a salvação até os confins da terra. Sl 97. Jo 14, 7-14 = Quem me vê, vê o Pai; estou no Pai, e o Pai em mim.

Crer ou não crer em Deus (2)

Experiência religiosa e psicologia

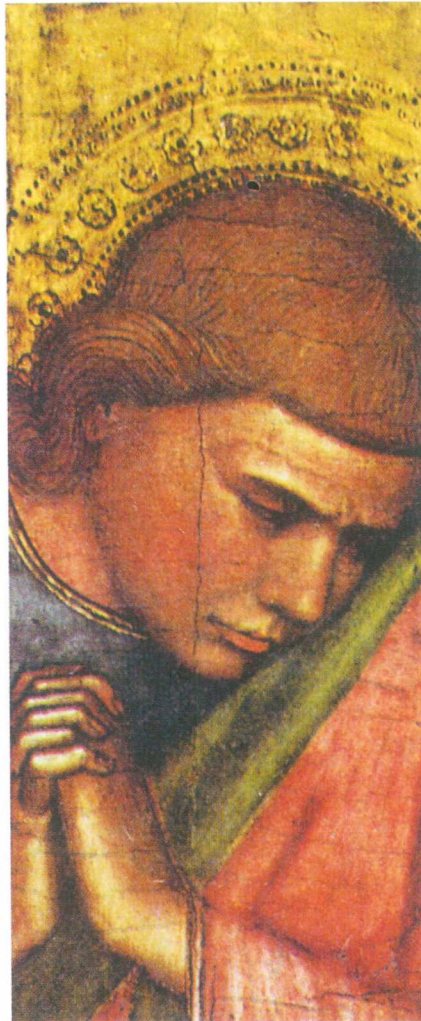
Vítor Pedro Calixto dos Santos

A psicologia se interessa pelo que há de psíquico na vivência da experiência religiosa e isto toca os diversos aspectos que a envolvem. Dentre eles, pode-se elencar: o que leva o homem a ser religioso? Seria a religião da ordem da necessidade? Como é que a experiência religiosa acontece ao longo da vida de uma pessoa? Observa-se que o modo como uma criança vive sua relação com o transcendente não é o mesmo que um jovem, um adulto e um idoso. Como é que a psicologia ajuda a compreender o desenvolvimento humano e, por conseguinte, o seu desenvolvimento religioso?

Há ainda outros aspectos envolvidos na vivência da experiência religiosa que interessam à psicologia: a questão de gênero, ou seja, de que maneira esta vivência toca aos homens e mulheres. Outra questão refere-se aos estados alterados de consciência, ou seja, de que maneira a vivência da experiência religiosa se dá em pessoas que apresentam deficiências de ordem neurofisiológicas e outras “doenças mentais”? E as pessoas que estão em estado terminal?

Longe de esgotar os campos a partir dos quais a vivência da experiência religiosa pode ser analisada em sua dimensão psíquica, passamos agora para algumas respostas aos questionamentos acima apresentados.

O primeiro aspecto que chama à atenção da psicologia é algo que se tende a considerar normal, ou seja, pensa-se, de maneira geral, que seja normal o homem ser religioso (*viver experiências religiosas*). Pensa-se que desde que o ser humano surgiu sobre



Pintura: Giotto, Século XIV, Florença, Galeria dos Uffizi.

a terra ele automaticamente já se tornou religioso e que até hoje o normal é que toda pessoa seja religiosa. Isto é visto como uma regra e aqueles que assim não vivem são objeto de admiração, para não dizer de preconceito, discriminação e até violência. Basta observar a crítica que se faz a cada forma de ateísmo na atualidade.

No entanto, a psicologia religiosa não considera que seja normal ser religioso e nem que seja normal não ser religioso (cf. Vergote), pois o que lhe interessa é investigar o que há de psíquico na vivência religiosa presente

ou ausente na vida de uma pessoa. Ela não parte do conceito de normalidade que aqui é entendido na sua conotação sociológica e estatística, ou seja, considera-se como normal aquilo que está na média ou aquilo que segue a regra social.

E é por isto que à pergunta “por que o homem é religioso” a psicologia religiosa responde de maneira complexa já que isto não admite uma resposta simples como: “é normal”.

A resposta a esta pergunta deve ser buscada na experiência da vida humana marcada por limites e pela finitude, a morte, de um lado e por outro, o desejo de plenitude que norteia o coração humano.

É nesta situação de tensão e de crise que se encontra a resposta por que o homem se tornou religioso ao longo de sua existência na terra.

Em seu dia-a-dia, a pessoa se depara com situações de tensão que lhe trazem um desafio: situações de carência (sentir a falta de afeto; de coisas necessárias à sobrevivência – alimento, casa, emprego, etc.; a perda de um ser querido, a doença, etc.), situações de crise que são cruciais – como escolher entre o bem e o mal, o que é melhor nesta ocasião; que decisão tomar; etc.

Nestes momentos, é que o desejo de plenitude, de imortalidade surgem e impelem o homem a auto-transcender-se para superar a crise e é nestes momentos que a vivência da experiência religiosa se torna um dos caminhos de superação do limite (da carência, da finitude). O modo como isto se dá varia segundo a história pessoal de cada um e de sua cultura.

Pe. Vítor Pedro Calixto dos Santos, cmf, é claretiano, psicólogo clínico – Curitiba, PR. vpcsantos@uol.com.br

Vamos cozinhar?!

Entrada

Ingredientes

4 ovos cozidos
3 tomates sem pele,
sem sementes e bem picados
4 azeitonas verdes picadas
2 colheres/sopa de vinagre
12 folhas de alface bem picadas
1 colher/chá de mostarda, sal a gosto

SALADA CASEIRA

Modo de preparar

1. Pique os ovos e misture bem com as azeitonas e os tomates e arrume cuidadosamente no centro de uma travessa rasa. Coloque o alface ao redor.
2. Faça um molho com o restante dos ingredientes e na hora de servir coloque sobre a salada.



Prato principal

CARNE ENSOPADA COM CHUCHU

Ingredientes

1 cebola
3 chuchus
50 ml de azeite
1 folha de louro
2 dentes de alho
2 tomates maduros
800 g de coxão duro
Sal e pimenta a gosto

Modo de preparar

1. Pique o alho e a cebola e refogue no azeite junto com o louro. Acrescente depois a carne cortada em pedaços e doure um pouco.
2. Junte os tomates pelados e picados, regue com um pouco de água, tempere a gosto, tampe e cozinhe lentamente.
3. Descasque o chuchu e corte em cubos regulares. Quando a carne estiver quase cozida, adicione-o ao refogado. Tampe e acabe de cozinhar. Sirva quente com arroz branco.



Sobremesa

MUSSE DE MANGA

Ingredientes

4 gemas
250 ml de leite
170 g de açúcar
250 ml de creme de leite
250 g de purê de manga
3 folhas de gelatina incolor

Modo de preparar

1. Deixe a gelatina de molho em água fria. Ferva o leite, enquanto bate o açúcar com as gemas.
2. Despeje o leite em fio sobre essa mistura e leve ao fogo baixo, mas sem deixar ferver.
3. Retire do fogo e misture as folhas de gelatina escorridas. Mexa até se dissolverem e deixe esfriar.
4. Bata o creme de leite e misture ao outro creme quase frio e, por último, acrescente o purê de manga. Coloque tudo numa tigela grande e sirva bem gelado.



Purê de manga

Para obter o purê de manga, basta bater a polpa no liquidificador até formar um creme.

Religiosas de Nossa Senhora de Sion

Um projeto de Esperança

A origem do nome Nossa Senhora de Sion, escolhido pelo fundador, Teodoro Ratisbonne, indica o sentido que tem para nós a pessoa de Maria. "Filha de Sion por excelência", Maria viveu plenamente a fé e a esperança de seu povo. Disse sim à Palavra de Deus e se tornou mãe de Jesus.

Foi na Palavra de Deus que Padre Teodoro encontrou inspiração e apelo para concretizar a missão que hoje assumimos: lembrar aos cristãos que a fé em Jesus Cristo está enraizada no judaísmo. E nós, Irmãs de Sion, concretizamos isso, trabalhando com o Diálogo Cristão Judaico, Diálogo Inter-Religioso, Ecumenismo, Educação, Catequese e Trabalho Social.

Creemos que Deus tem um projeto de amor e de vida para toda a criação, para mim e para você.

Presentes em vários estados, as irmãs de Sion estão mais perto de você!

Para saber mais, entre em contato conosco:

Fone (71) 3243-7907 - e-mail: vocacional_sion@yahoo.com.br

ou escreva para: Rua Prado Valadares, 04 - Nazaré

CEP: 40055-070 - Salvador, BA.

www.sion.com.br



**"Meu espírito
é para todo o mundo"**

Santo Antonio Maria Claret



Missionários Claretianos
A serviço da Palavra

CENTRO "PADRE JAIME CLOTTET"

Pe. Maurício Ribeiro, cmf_pjvsul@pjvcmf.com.br

Trav. Pinheiro Machado, 245 (Bairro La Salle)

Cx. Postal 412 CEP 85505-060

Pato Branco, PR (46) 3224-4129 e 9911.5115

FILOSOFADO CLARETIANO

Pe. Sidney Teixeira da Silva, cmf_pjvsp@pjvcmf.com.br
Cx. Postal 94 - CEP 14300-000 - Batatais, SP - (16) 3761-5081 e (19) 9604-2704

MISSIONÁRIOS CLARETIANOS

Ir. Robério Vieira Cabral, cmf_pjvne@pjvcmf.com.br
R. Manoel Moura, 46 - (Bairro Trapiche da Barra)
CEP 57011-100 Maceió, AL - (82) 3326-8122 ou 9999-9282

TEOLOGADO CLARETIANO

Diác. Jair Gonçalves Filho pjvmg@pjvcmf.com.br
Av. Presidente Getúlio Vargas, 1193 (Bairro Rebouças)
CEP 80250-180 Curitiba, PR - (41) 3222-8115 e 9194-8455

PROCURADORIA MISSIONÁRIA

Av. Francisco José de Camargo Andrade, 535 (Jd. Chapadão)
CEP 13070-055 - Campinas, SP - (19) 3242-2258 e 9259-9973

5ª EXPO Católica
Agosto de 2007

Feira Internacional de Produtos e Serviços para
Igrejas, Livrarias e Lojas de Artigos Religiosos

Data: de 16 a 19 de agosto de 2007
Local: ExpoCenter Norte, em São Paulo

Eventos Paralelos:

2º Salão Internacional de Turismo Religioso • Peregrinus / Expo Vocacional •
Feira de Congregações e Comunidades Religiosas • Seminário de Administração Eclesial e Seminário de Vendas de livros e artigos religiosos

ESCOLA DE ÍNDIO

Turma da Maíra

Tina Glória



EM EDUCAÇÃO FÍSICA, OS JOGOS E ATIVIDADES SÃO BASEADOS NOS QUE EXISTEM NAS ALDEIAS...

ATÉ MESMO ATIVIDADES QUE AUXILIAM NA CAÇA E PESCA E SAÚDE NA TRIBO...

A NAÇÃO INDÍGENA É RICA EM TRADIÇÕES E CORAGEM!

ISSO MESMO!!

DEPOIS...

PUXA! MAYNÁ!!! ADOREI SUA ESCOLA!! SUUPER LEGAL!!!

É, MAS EU AINDA TÔ COM A LÍNGUA ENROLADA DE FALAR O TUPI-GUARANI!!!

BEM, TURMA...EU...HAM...VOU BRINCAR COM OS BICHOS!!

A CASSILDA E ESSA MANIA DE FALAR COM OS ANIMAIS!!!

DEPOIS...

PUXA... CADÊ A CASSILDA?

EI FAZ TEMPO QUE NÃO A VEMOS!!

HA!!! OLHA LÁ!!!

HAHAHA

A CASSILDA FUNDOU UMA ESCOLA PARA BICHOS!!!

HAHAHA HAHAHA

CRICHI!

REEEC

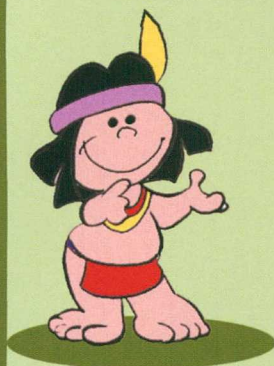
CROO
OOOO
OOO...

VAMOS LÁ MENINOS!!! AGORA DIGAM: CÊ É A SE PROCUNCIA "CAAAAA!!!"

fim

LIGUE AO ÍNDIO TODAS AS PALAVRAS QUE VOCÊ ACHA QUE TÊM ORIGEM INDÍGENA!

MARQUE AQUILO QUE VOCÊ ACHA QUE FAZ PARTE DA VIDA DO ÍNDIO!

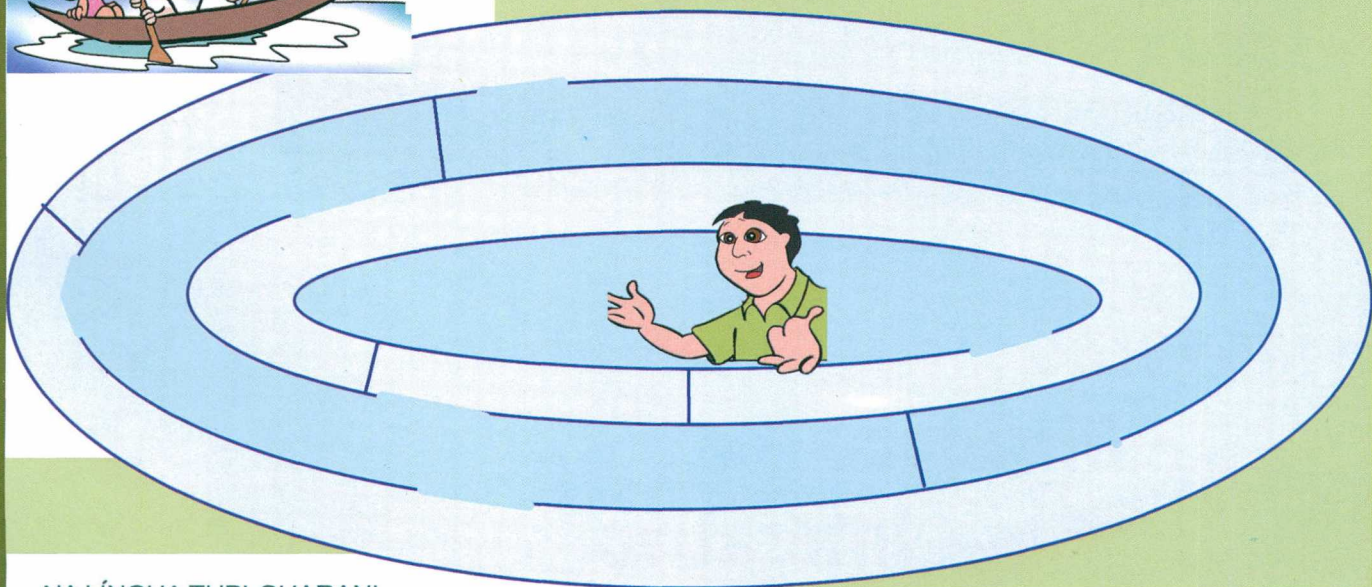


- CACAU**
- CAPOEIRA**
- GARRAFA**
- MANDIOCA**
- TAPIOCA**
- CAIPORA**
- TELEFONE**

SOLUÇÃO: MANDIOCA, CAIPORA, CAPOEIRA, TAPIOCA.



AJUDE A TURMINHA A CHEGAR DE CANOA À ESCOLA DO PROFESSOR ÍNDIO!!



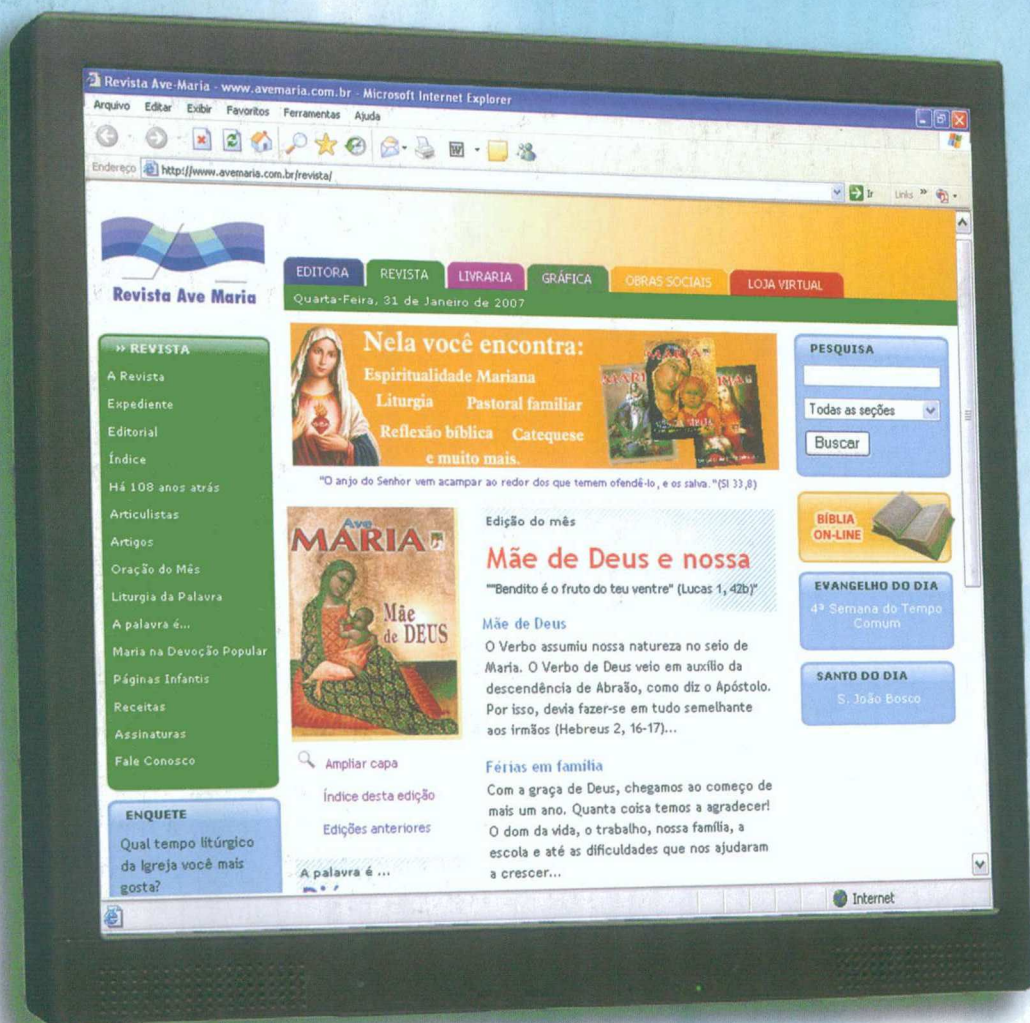
NA LÍNGUA TUPI-GUARANI, VOCÊ SABE O QUE SIGNIFICA ABARÉ? MARQUE SOMENTE OS LUGARES AMARELOS E DESCUBRA!

S **A** **E** **D** **M** **I** **H** **G** **F** **O**

MANDE SUAS CARTINHAS!!!

Turma da Maíra - Rua William Waddel - 301 - Centro - Jandira - SP - CEP 06606 - 000 - tinagloria@hotmail.com

Visite o novo site da revista Ave-Maria



- **Moderno**
- **Dinâmico**
- **Interativo**

MARIA
Ave

REVISTA MENSAL — FUNDADA EM 28.05.1898
TELS.: (11) 3666-2128 / 3823-1060
CAIXA POSTAL 1205 - CEP 01059-970 - SÃO PAULO - SP



**Mala Direta
Postal**
72143572002/2004 - DR/SPM
AÇÃO SOCIAL
CLARETIANA
CORREIOS

Acesse

www.avemaria.com.br/revista